

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Sabrine Amalia Antunes Schneider

*A COISA: A PROBLEMATIZAÇÃO DO MEDO NA OBRA
IT, DE STEPHEN KING*

Passo Fundo

2018

Sabrine Amalia Antunes Schneider

*A COISA: O MEDO A PROBLEMATIZAÇÃO DO MEDO
NA OBRA IT, DE STEPHEN KING*

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras, sob a orientação da Prof.^a. Dr.^a. Fabiane Verardi Burlamaque.

Passo Fundo

2018

Sabrine Amalia Antunes Schneider

A Coisa: a problematização do medo na obra *It*, de Stephen King

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras, sob a orientação da Prof.^a. Dr.^a. Fabiane Verardi Burlamaque.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Fabiane Verardi Burlamaque - UPF

Prof. _____ - _____

AGRADECIMENTOS

Duas coisas nessa vida aprendi a fazer desde cedo: a me desculpar por qualquer coisa simples ou complexa, quando percebo estar errada, e a agradecer infinitamente por tudo (sim, absolutamente por tudo) que fui privilegiada em minha humilde existência. Contudo, a desculpa que direcionarei neste exato momento não será por um erro e, sim por uma grande extensão de agradecimentos que realizarei a partir de agora. Grande texto, singela desculpa.

Nada poderia ser escrito se não tivesse sido abençoada pela vida que tenho, esta que move meu coração e minha alma a ser quem sou, a lutar pelas minhas crenças e a mudar nas circunstâncias que requerem tal ação. Gratidão eterna por poder viver ESTA vida com TODAS as pessoas iluminadas à minha volta.

Em nenhum momento esqueço de ser grata pela família que escolhi, família que sobrevive no caos das adversidades, que sempre me apoiou em desejos e sonhos planejados, que sempre estará em meu lado em distintos momentos. Agradecendo separadamente, ao meu pai que sempre soube discutir comigo assuntos dos mais diversos, que me fizeram crer em coisas pelas quais tenho sempre que lutar e acreditar, por amar-me do seu jeito, por cuidar-me em momentos de extrema sensibilidade.

Minha mãe, adorada, amada, amiga! Sem tu nunca saberia enfrentar nada sem força, sem acreditar que tudo passa, que sempre há solução para tudo. Paciência, perseverança e amor foram as mais belas ações que pudeste me ensinar, características tuas que vejo nitidamente em mim, além daquele coração puro, pronto para tudo e todos. Meu amor por você é “maior que a distância daqui à lua e maior que o número de peixes no oceano”. Obrigada por ter passado com sua letra meus rascunhos ao meu bloquinho oficial de anotações e pelas infinitas discussões sobre esse conhecimento que amo tanto; saibas que o teu entusiasmo em me ouvir me fez acreditar ainda mais em mim.

Pessoas que a vida encarregou de apresentar-me e que não sairão facilmente sem motivo aparente. Pessoas que a escola, a faculdade, trouxe como brinde de aprendizados, que me mostraram o conhecimento da vida, além do científico proporcionado. Às amigas mais que especiais que souberem rir de minhas piadas, por vezes sem graça, simplesmente por serem pronunciadas por alguém irônica e cômica, aos choros por extrema sensibilidade em momentos de fraqueza ou emoção apenas, aos muitos livros criticados e adorados juntos, aos amores que juntas foram revelados e vivenciados. Obrigada por serem de extrema importância em minha vida.

Às pessoas, em geral, que acreditaram na escolha que fiz de ser professora e escritora, de embarcar nessa jornada ilimitada de autoconhecimento, sabedoria e memória criadas ao longo do percurso. Mas somente aquelas que acreditaram. As outras, que duvidaram dessas lindas profissões e do meu potencial para ser brilhante, minhas sinceras condolências, pois perderam a chance de crer em alguém capaz de ser destemida e excepcional em seus sonhos, e aqui afirmo: estou a passo de concluir um dos mais belos.

Gratidão aos mestres da minha vida, mãe e pai, já foram feitas. Aos mestres do conhecimento, seria de cansaço absoluto a quem lê citar todos, pois desde pequena anunciava minha paixão por ambas profissões que acredito e amo, e muitas foram as professoras que fizeram parte disso: as da primeira infância, que souberam ensinar-me as palavras; as da segunda, que apresentaram a classificação que ganhou meu coração; aquelas do ensino médio que trouxeram autores que sempre amarei, o Maria Machado um deles; e as mais recentes, de um superior ensino que ativaram em mim o sentido de textos profundos e literários magníficos. Em especial, à Prof.^a. Dr.^a. Fabiane Verardi Burlamaque, que antes de desejar tê-la como orientadora desse trabalho, foi a mestre que citou Stephen King em uma aula, e desta citação abriu os horizontes de uma romântica incorrigível ao mundo do suspense e terror. Serei eternamente grata pela apresentação entre autor e leitor, além de aceitar orientar-me nessa monografia e guiar-me com grande maestria aos estudos literários da fantasia; profe, você não sabe, mas aqui há uma de suas formações leitoras que nunca irá carregar palavras de admiração suficiente à gratidão que tenho por você. E, por ironia do destino e graças à escolha, gratidão à Prof.^a Mestre Priscila Rostirola dos Santos que me proporcionou um olhar mais sensato e sensível à Língua Inglesa; profe, saibas que a sua humanidade é mais que inspiração em minha jornada, é luz na visualização da pessoa que anseio em me tornar, uma mulher corajosa. Aliás, diga-se de ambas tutoras do meu conhecimento inglês, literário e humanitário: vocês são mulheres excepcionais. Aguardo o momento de ter alunos que me olhem e admirem pelos olhos que tenho sobre as duas.

E não deixando em momento algum de acreditar e ter fé, sou grata ao criador do universo pela benção da vida, da condição humana da racionalidade que tornou-me capaz de sonhar e tomar decisões de imprescritível importância em minha vida, uma delas que me fez acalantar-me por um ano e vir a ingressar neste curso que mudou-me para melhor. E, Papai, tenha absoluta certeza que farei o possível e impossível para sempre buscar o melhor de mim em todos os sentidos.

E, agora, respeitável leitor, inicia-se a parte mais esperada. Que olhes para o trabalho com extrema sensibilidade, porém com olhos bem abertos para todos os lados visíveis e invisíveis, porque a Coisa está nos pequenos detalhes, esperando para agir e ser avaliada.

“Recolhida, tímida, deslumbrada, me debruçava no mistério das palavras e do mundo. Queria saber, mas tinha imenso pudor de confessar minha ignorância. ”

Cecília Meireles

RESUMO

O medo é um sentimento que acompanha o homem desde o início da existência: o medo do escuro fez surgir o fogo; o medo da morte, a fé; o medo da dor, a Medicina. Contudo, o medo do desconhecido fundou as mais tenebrosas histórias, passadas de geração após geração, criando acervos que se perpetuam através dos séculos, fazendo desse estado de espírito a base para narrativas sobrenaturais. Nesse sentido, a obra *It, a Coisa*, de Stephen King, ao apresentar uma personagem que simboliza e customiza o medo, enquadra-se no presente trabalho, que traça um percurso histórico do medo tais como as obras que marcaram pelos enredos góticos e macabros. Tal como a literatura do terror que proporciona fascínio e prazer aos leitores, também a literatura produzida por Stephen King consegue ser efetiva em suas emoções ligadas ao terror, incumbindo ao leitor um medo que se torna, por vezes, patológico por despertar tais instintos.

Palavras-chave: Medo na literatura; Stephen King; *It, a Coisa*; Literatura do terror.

ABSTRACT

Fear is a feeling that accompanies man from the beginning of existence: the meadow of the dark gave rise to fire; the fear of death, faith; the fear of pain, Medicine. However, the fear of the unknown founded the darkest stories, passed down from generation to generation, creating collections that perpetuate through the centuries, making this state of mind the basis for supernatural narrations. In this sense, *It*, by Stephen King, when presenting a character that symbolizes and customizes the fear, fits in the present work, that traces a historical route of the fear as the works that marked by the gothic and macabre entanglements. Like the horror literature that provides fascination and pleasure to readers, the literature produced by Stephen King also succeeds in being effective in its emotions linked to terror, giving the reader a fear that sometimes becomes pathological in awakening such instincts.

Keywords: Fear in Literature; Stephen King; *It*; Literature of terror.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A ASCENDÊNCIA DO MEDO.....	11
2.1	Quando o homem nem sabia ao certo o que era a escuridão.....	12
2.2	A Idade Média sob os olhares do medo.....	14
2.3	Cristianismo puro e temeroso.....	17
2.4	O medo literário dá as caras.....	22
2.5	Os novos moradores da literatura do terror.....	25
3	A COISA E SEU MERO NARRADOR.....	28
3.1	O percurso de um Rei.....	28
3.2	<i>It</i> e sua obscura história.....	29
3.3	Protagonistas essenciais.....	31
4	TODA A FORMA DE HORROR EM <i>IT</i>	34
4.1	A Coisa personificada.....	35
4.2	Os traços do medo feminino no romance.....	39
4.3	O autor da história.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Elemento primordial na construção histórica da humanidade, o medo carrega em si uma linha de vida que desenha os anseios através dos séculos. Como fornece inspirações diversas para a construção de narrativas, é usado como ferramenta geradora de pânicos distintos, por meio de uma ritmada descrição de ambientes e situações, que levarão o leitor a sentir as palavras em cada batida descompassada do coração.

Assim faz a literatura de terror, o autor de mais de cinquenta obras Stephen King, que constrói narrativas complexas em que a superficialidade nunca é presenciada. O leitor comprometido não irá se reter a uma leitura apenas por prazer, mas sim se dispor a momentos de intensas sensações proporcionadas por cada página lida. Não é diferente com a obra *It, a Coisa*, onde nos deparamos com uma criatura que se personifica em medos cabíveis na mente de King e, conseqüentemente, de seus leitores, além de personagens profundos, cada qual caracterizado por uma particular história.

O presente trabalho monográfico tem como premissa analisar os traços do medo na obra *It*, de Stephen King, discorrendo sobre a trajetória do sentimento mais antigo da humanidade que proporciona evolução, mas transforma a mente ao capacitá-la aos estados de alerta que nos petrificam ou exigem uma ação imediata de defesa.

Objetivando a pesquisa, o interesse pela temática fincou raízes na busca de trabalhos anteriores sobre as obras de Stephen King e poucas foram as pesquisas na área, o que levou a analisar a temática do medo na obra *It*. Com isso, foi possível a construção de sentido da narrativa extensa, que dispõe de uma construção estrutural incomum, com o recurso de *flashes* que viabilizam ao leitor a extrema atenção quanto a concepção significativa.

A pesquisa estrutura-se da seguinte forma: o primeiro capítulo contempla o percurso histórico do medo, usando como base teórica as pesquisas de Jean Delumeau (2009) que são grandiosas em detalhes e subsidiam a trajetória de forma a proporcionar reflexões sobre os atos de cidadania exercidos pela população ao passar dos anos, causando espanto nas ações desenvolvidas pelos seres que se dizem humanos a outros, pelo simples pavor de terem o poder difundindo nas mãos das pessoas comuns. Também há, a partir dos pressupostos de H. P. Lovecraft (2007), uma retomada dos primeiros enredos que possibilitaram à literatura uma nova vertente, que vieram a assombrar o imaginário dos leitores por anos a fio.

O segundo capítulo apresenta a biografia do autor Stephen King, que possui um acervo de criações extenso, contudo, retratando seus primeiros obstáculos, como também a necessidade de ter alguém que o incentivasse a escrever em ritmo contínuo. Ainda no capítulo

em questão, exibe-se um breve resumo da obra, também como a descrição de seus personagens principais e cada característica que são essenciais para a compreensão da análise.

O terceiro capítulo contempla a análise da obra sob a perspectiva do medo, assim como apresenta considerações sobre a narrativa e sua gradual construção. Aqui, as apreciações procuraram ser objetivas, pois as personificações da personagem Coisa não são poucas, e foi-se, assim, procurado destacar as mais significativas para o sentido e conclusões acerca do romance.

Ao final, as conclusões que a pesquisa, como um todo, possibilitou inferir sobre a narrativa complexa de Stephen King a partir de percepções oriundas da leitura e da análise da referida obra O trabalho procurou sequenciar uma análise coerente com a proposta inicial que motivou que a pesquisa se consumasse.

2 A ASCENDÊNCIA DO MEDO

Ao buscar fugas da realidade, nos deparamos com algumas possibilidades, como o prazer em assistir a um bom filme, visitar lugares nunca explorados e ao hábito mais antigo dentro dessas escolhas: a leitura. Porém, é de tamanho espanto quando um leitor se aventura em livros de terror que irão despertar em seu interior sentimentos adversos às emoções de felicidade, alegria e amor, leituras que não levarão a suspiros apaixonantes, mas, sim, à falta de ar por puro pavor; uma simples respiração poderia ser fatal. O fascínio despertado pelos ambientes, acontecimentos e personagens assustadores pode ser explicado na realização (fictícia, é claro) de exteriorizar nossos mais profundos anseios e pavores, nas entrelinhas das dores que sentimos (que geram compaixão no leitor por determinado personagem) ou nas que gostaríamos de causar (interpretações que são direcionadas as nossas experiências de querer provocar medo, violência, pavor, repulsa em alguém). Assumir tais ideias são contra nossa natureza, que procura se manter nos padrões de bondade e cidadania às quais somos impostos desde cedo. Contudo, para Stephen King esses prazeres não são de completa selvageria, muito pelo contrário: se praticamos nossa maldade ao sentir prazer em determinadas passagens literárias ou cenas de filmes, estamos no caminho certo, até porque se todos fizessem tudo o que gostariam de fazer o mundo estaria com uma população menor e outros estariam presos (ou soltos, praticando atos mortais).

O medo torna-se ambíguo por tornar-se uma defesa essencial, um reflexo que nos permite escapar à morte, mas também pode resultar em uma patologia. Jean Delumeau declara em seu livro *História do medo no Ocidente: 1300-1800* que o medo tem como principal causa a surpresa, podendo ser uma involução do espírito, do ser real que se apresenta anterior à surpresa de um espanto. (2009, p. 25)

Os medos que sentimos também são expostos em muitos enredos. As sensações parecem crescer a cada página, a respiração torna-se mais rápida e pesada, você consegue ouvir seu coração. O pavor vai emergindo de forma frenética e, quando menos se espera, a surpresa que irá revelar seu medo, seu terror (que pode estar se apresentando para as personagens fictícias que lhe, surge e lhe deixa em profundo pânico; você se solidariza com as personagens, encara a realidade com mais leveza ou cria paranoias para a sua vida, que simplesmente superou ou ampliou o medo do escuro ou daquela *Maldita aranha gigante!*¹

¹ Filme produzido por Mike Mendez em 2013.

O medo é o fator de propulsão das narrativas góticas, além de atmosferas ambientadas com detalhes simbólicos e a caracterização das personagens em níveis de visualização e incorporação psicológica. Apesar da existência de pânico de que temos conhecimento, eles não são meros fatores psicológicos infundados; o medo acompanha o ser humano desde os primeiros passos dados rumo ao conhecimento, pois cada tentativa de progredir em alguma área carregava seu medo do fracasso. Além das características limitantes, há a busca por algo totalmente novo e diferente e o desconhecido também apavora.

Século XXI. Embora os medos estejam configurados pelas esferas e problemas sociais atuais, eles são fruto de anos posteriores que carregaram temores das mais diferentes formas, tanto vinculados ao poder nas mãos de alguma força específica (a Igreja, por exemplo) como o movimento de culturas e crenças dentro de sociedades já estruturadas. O temor cresce quando religião e fé são abaladas, quando caminhos são cruzados sem o respeito e tolerância necessários à vida em harmonia.

Serão expostos os temores de âmbito geral, alguns que causaram caos em grande escala e que influenciaram indiretamente nos medos que as pessoas sentiam na época; de certa forma, esses medos amadurecem com outras facetas e nomes que são caracterizados em palavras (livros) chegando a transformar-se em imagens (filmes) que concretizam nossas visões sobre as histórias. Procurando seguir uma linha do tempo para traçar as angústias da maioria, iniciar-se-á uma explicação pela Antiguidade e pela Idade Média para depois o foco ser entre os séculos XVI e XVIII, onde nos anos finais desse período a primeira novela nomeada gótica foi escrita (*O castelo de Otranto*)²; tem-se também os séculos XIX e XX com medos que influenciaram nas narrativas que até hoje são clássicos da literatura e que são as bases para as histórias de terror que acompanhamos com tanto fervor. Assim, parto em caracterizar tais períodos pelas fobias que afligiam em seus tempos, provocando inquietações que nem sempre eram elucidadas e que ainda hoje não possuem de fato soluções coerentes.

2.1. Quando o homem nem sabia ao certo o que era a escuridão

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido” (2008, p.11) Com essa frase H. P. Lovecraft inicia a obra *O horror sobrenatural em literatura* e, ao usá-la, encontramos uma verdade exata. O medo acompanha o homem desde os primórdios de sua existência, possibilitando a criação

² Escrita por Horace Walpole, será explicada adiante.

de muitas ferramentas que o ajudariam a evoluir em todos os aspectos de sua vida. Esses temores iniciais estavam baseados principalmente no escuro, onde ameaças até então invisíveis estavam prontas para atacar; para defender-se, a descoberta do fogo se concretizou e possibilitou uma visibilidade que o fez perceber que nem sempre o escuro pode conter os mais temíveis avisos.

Com o básico para sobreviver, as ameaças naturais se tornaram ainda mais intensas. Animais procuravam também proteger os seus, lutavam por espaços e por alimentação, indicando perigo ao ser de duas pernas, que não possuía nada em sua defesa. Assim, o uso da inteligência começou a fazer parte da trajetória humana: instrumentos afiados e pontiagudos foram forjados e a proteção previamente garantida. Embora não temam a morte, os animais sentem medo de serem devorados, tornando este medo fixo e imutável; o medo dos seres humanos sempre foi múltiplo e mutável, pois a morte poderia ocorrer de formas distintas pelo fato de o homem ter consciência de sua mortalidade.

Mas os males não cessavam, já que a natureza entrava como agente destruidor de suas moradias, fazendo com que a peregrinação por novos lugares fosse necessária à sobrevivência. A fundação de pequenos espaços começava a fazer parte da rotina e, com estruturas novas sendo levantadas e ferramentas diversas que eram moldadas, as crenças começaram a firmar-se pelos povos a serem fundados, tais como os egípcios, os gregos, os romanos.

O medo agora era outro, estava direcionado a agradar os deuses, que a qualquer momento fariam suas fúrias caírem sobre os povos. Com a benção dos céus, impérios eram edificadas e glorificados pelos sacerdotes, que dispunham de provas à população, mantendo, assim, as preces acesas. Oferendas, rituais, sacrifícios. Tudo para agradar os soberanos celestiais. Embora a fé fosse mantida pelo Império, ela era uma ilusão forçada pelo pavor de receber as piores pragas e castigos divinos, e o povo mantinha-se adepto dos costumes e crenças criadas em torno dessas divindades irreais. As preces eram também feitas em momentos de guerra, principalmente para Deimos (o Temor) e Fobos (o Medo) para que as tropas não fossem atormentadas com pavores antes das batalhas.

Segundo a mitologia grega, na própria família dos deuses ocorria muita disputa pelas relações de poder. Alguns mitos comprovam tais invejas, como pelo livro *O livro de ouro da Mitologia* (2006), de Thomas Bulfinch: as ações que levaram o Titã Chronos a castrar seu pai e tornar-se, junto com seus irmãos, os detentores de toda a criação e vida, além do medo do Titã de perder sua posição para um de seus filhos, segundo um oráculo; isso o levou a engolir seus filhos ao nascer, cabendo mais a frente a Zeus tomar o poder e libertar seus irmãos já engolidos. Em vingança divina tem-se também a ira familiar, que amarga o coração dos homens e investe

contra a crença um poder de fé abaláveis, bastando apenas crer que ambos podem errar, mas a consequência do temor dos deuses é amplamente fatal.

Ainda havia o desconhecido. O pânico sobre assuntos nunca mencionados, estrangeiros aparentemente estranhos, a exploração de novos territórios, eram absurdamente desconfortantes e geravam inquietações acerca de providências a serem tomadas. Sem saber que novas visões do mundo expandiriam horizontes, essas pessoas eram tachadas como feiticeiros e/ou correspondentes do demônio. Este, após as leituras bíblicas, foi ainda mais enfatizado como um ser repugnante, com níveis de maldade jamais presenciados; isso veio a piorar após as leituras apocalípticas, que enfatizavam o Juízo Final comandado pelos agentes do Diabo³.

Entretanto, os temores voltados ao paganismo eram quanto ao castigo que receberiam caso não praticassem as orações, os sacrifícios como deveriam. Por isso, a ordem manteve-se estável graças às demonstrações frequentes de fé e idolatria. Contudo, nos séculos seguintes, se ergueria a Era Cristã, que acarretaria em novos temores, alguns reformulados devido à perseverança do paganismo, outros nascidos pelas novas ameaças iminentes.

2.2. A Idade Média sob olhares do medo

Com a expansão do território, os líderes foram obrigados a criar tropas que zelassem pela paz, além de, em tempos de conflitos, defendem-se seus lares. Cavaleiros foram armados e instruídos a vigiarem, delatando qualquer ato suspeito. A proposta de investir em novos territórios e dominar o mar foi sugerida, porém, o medo da imensidão azul fez as tropas recuarem e por certo tempo permanecerem em vigília em suas terras concretas. Até porque os selos do Apocalipse apresentavam, nos quatro primeiros, a emersão de criaturas marinhas que significariam a morte de muitos. Esse medo marítimo levou muitas pessoas a fortalecerem seus medos em cima da vastidão do oceano, que se intensificava em cima de lendas e provérbios da fúria aquática; também os relatos de aventuras em tempestades por Homero e Virgílio em suas obras, sempre acompanhadas de trevas, ventos, raios e trovões de todos os sentidos, sendo assim vista como um antielemento, uma dimensão do negativo e o lugar de toda perdição.” (DELUMEAU, 2009, p. 61.) Assim, o mar levava muitas vidas e não as devolvia jamais, nem corpos para terem enterros dignos. Esse poder mortal que o mar apresentava também se intensificava nas lendas de sereias e da existência do Leviatã, também como em romances

³ Ver “A Idade Média sob olhares do medo”.

medievais em que as tempestades são formadas pela presença no navio de um pecador, sendo a forma de Satã e seus demônios se apresentarem para provar dos pecados da carne.

Não obstante em manter-se em terra firme, os cavaleiros eram os agentes que poderiam apartar incertezas entre vizinhos, as quais muitas acusações infundadas levaram a falsos relatos de feitiçaria: curas milagrosas por parte de curandeiras e mortalidade infantil em grande escala por parte das parteiras; dizia-se que ambas possuíam pactos com o Diabo, além do nó na agulheta, que causava esterilidade masculina ou feminina e levava casais a procurarem povoados vizinhos para manterem a nova vida de casado, longe de possíveis ameaças à construção e estrutura familiar.

Um medo que se instaurou nas aldeias e povoados foi o retalhamento de rebanhos e o sumiço de crianças. Na mesma época que tais acontecimentos foram vivenciados, o aparecimento de lobos tomou proporções em grande escala. Mais uma crença surgia: os lobos ou eram lobisomens, ou feiticeiros que se transformavam para manter sua ligação com o Diabo. Tais crenças tinham origem germânica por volta do século XIV, tendo ataques direcionados essencialmente a mulheres grávidas e crianças. A história mais conhecida envolvendo lobos está presente em *Chapeuzinho Vermelho*, pela primeira versão de Charles Perrault que a escreveu no século XVII, séculos à frente dos ataques noturnos sofridos no século XIV. Mesmo com um grande espaço de tempo entre as histórias, tais suposições sobre a inspiração da história tenham partido das lendas que foram ouvidas e transmitidas de geração após geração, chegando aos ouvidos de Perrault, que a introduziu em sua coletânea de contos.

Junto ao pavor dos ataques de lobos, o receio da lua começou a surgir nos povoados, que a tinham como um presságio para acontecimentos que os levariam à escassez de alimentos, levando-os a criar calendários lunares de plantação e colheita, não ocasionando em perdas. Tendo como base a lua, outros se dirigiam à crença nas premonições vindas da astrologia, e a procura os levava ao pânico, pois nem sempre ouviam o que gostariam de ouvir.

O medo do futuro era um dos temores mais angustiantes, novas doenças nunca vistas começavam a surgir e não havia tratamento adequado para uma patologia ainda desconhecida; o amanhã já não poderia existir. O período de maior incidência de pragas diversas foi entre os anos de 1348 a 1720, ocorrendo surtos entre os séculos VI e VIII com intervalos de nove a doze anos. Contudo, houve um período sem muita ocorrência de mortes patológicas em demasia, voltando a ocorrer em 1348 e assolando toda a Europa.

Estima-se que mais de um terço da população europeia morreu em virtude da peste negra⁴ (bubônica), a qual era causada pelas pulgas de roedores. Nervos viam à tona de pessoas que antes eram consideradas sãs, fazendo com que o medo se espalhasse, direcionado ao caos que surgiria se não houvesse controle de incertezas. As relações econômicas seriam afetadas se tais rumores fossem reais, a paz deveria ao máximo ser mantida, porém, atores procuraram enfatizar a morte imediata das pessoas que contraíam a doença e que esta não diferenciava rico ou pobre, jovem ou velho; ela estava levando todos ao reino dos mortos, rapidamente. Delumeau (2009) esclarece que a peste trouxe à tona um estado de “incompletude existencial”, em que as pessoas aceitavam de certa forma a morte e saíam praticando tudo o que gostariam/desejavam realizar ainda em vida. Foram também redefinidos o heroísmo e a covardia: embora religiosos, com receio, fugiam para povoados que ainda não haviam sido contaminados, podendo esperar a peste passar para viverem mais, médicos encararam a morte (apesar de saber das dores físicas que esta provocava) na tentativa de descobrir uma cura e auxiliar no trato dos doentes, o mínimo de desconforto que poderiam aliviar na passagem.

Com toda certeza houve especulações sobre as causas e três foram consideradas: a primeira envolvia uma possível “corrupção do ar” (DELUMEAU, 2009, p. 201), provocada por fenômenos celestes ou pela decomposição dos corpos animais e humanos; pessoas com aliança com os demônios espalhavam a doença, fomentadores de contágio; a última suposição estava ligada à ira divina, os males e pecados humanos haviam sido demasiado em excesso, provocando a vingança de Deus e pelo controle de uma população que estava fora de si. Esta última apresenta um outro medo real da época: o fim estava próximo. O Apocalipse a pouco de ocorrer de fato.

Esperado por alguns que se encontravam em situações desesperadoras, o apocalipse surgiria como solução imediata para o fim dos males terrestres. Monges espalhavam pregações que aumentavam as angústias da população, sempre apresentando o Juízo Final como sinistro e temeroso. Os teatros religiosos reforçavam a ideia com encenações em atmosferas sombrias, tal como a imprensa ao divulgar edições ilustradas dos doze sinais apocalípticos. Tais manifestações possíveis dos dias do Juízo mostravam um Deus punitivo, além do fato de parecer que as profecias ocorreriam em determinados ciclos, o que causava pânico devido ao tempo de a próxima acontecer.

⁴ A Peste Negra foi uma pandemia, isto é, a proliferação generalizada de uma doença causada pelo bacilo *Yersinia pestis*, que se deu na segunda metade do século XIV, na Europa. Essa peste integrou a série de acontecimentos que contribuíram para a Crise da Baixa Idade Média, como as revoltas camponesas, a Guerra dos Cem Anos e o declínio da cavalaria medieval.

Junto com as ameaças pré-apocalípticas, crescia a insegurança de muitos de seguirem ao Inferno quando o momento chegasse. Satã era temido ainda mais, pois antes, nos séculos VI a IX ele ainda não era monstruoso, era um arcanjo caído, Lúcifer, depois passou a ser retratado com olhos e pele vermelhos. No final do século XVI, o teatro representava obras em que demônios apareciam, gritando, urrando, amaldiçoando, e críticas eram feitas aos autores que reproduziam tais imagens, mas era um mal necessário; o povo precisava continuar temeroso quanto às possíveis pragas e maldições que poderiam ser lançadas por essas criaturas. Autores se ergueram pelo medo do Apocalipse e da imagem de Satã, como por exemplo William Shakespeare⁵.

Os males estavam se instalando com tamanha velocidade que a Igreja não conseguia controlar mais a histeria do povo. A ideia da existência de variados demônios era perturbadora, ocasionando na suposição de nomes que os deteriam quando pronunciados. Duas representações do Diabo foram ovacionadas, uma popular e outra elitista, enfatizando ainda mais a diferença entre classes. Estudos começaram a ser levantados, hipóteses de como controlar um demônio a ponto de exorcizá-lo, até porque tudo de errado que vinha a acontecer competia a Satã e seus mensageiros. Eles jogavam, enganavam o espírito humano, manipulando para ser adorado; “como distinguir o real da ilusão?” (DELUMEAU, 2009, p. 381), Satã fabrica, assim, ilusões que desvirtuam o homem que põe em dúvida suas crenças.

De acordo com Jean Delumeau (2009, p. 383), o discurso da demonologia abrange a existência de documentos que explicitam os números quanto ao reino de Lúcifer, além de um manual do exorcista, o qual contém perguntas a serem feitas aos demônios para saber de sua origem e motivos que os levariam a perturbar famílias, se são ordens superiores, pois há uma certa coerência nos fatos apresentados e do poder de Lúcifer e de seus subordinados:

Satã, os diabos: o discurso demonológico emprega indiferentemente o singular ou o plural. A ubiquidade da ação diabólica leva a postular não só o extraordinário poder de Lúcifer, mas também a existência de um exército de anjos do mal que obedecem docilmente o seu chefe como os anjos executam as ordens de Deus. (DELUMEAU, 2009, p. 281)

O império dos medos sobrenaturais estava se firmando através das suposições levantadas pelas leituras bíblicas e as façanhas atribuídas a Satanás. Mesmo que houvesse a probabilidade negativa das ações serem de fato relacionadas ao fantástico sobrenatural, acreditar na existência de forças do mal significava crer no poder celestial, em que o bem superaria quaisquer atos malignos e todos sucumbiriam ao Juízo Final redimidos de seus

⁵ *Macbeth*, 1606.

pecados. E, apesar de já existir motivos a serem temidos, novas “ameaças” estavam para serem estabelecidas.

2.3 Cristianismo puro e temeroso

Os séculos cristãos continuavam a fortalecer-se com o passar do tempo, porém, alguns rituais mantinham-se fortes. A exemplo, o Peru do século XVI adorava outras divindades e se entregavam em oferendas. Quando a América começou a ser colonizada pelos europeus, esses utilizaram-se do argumento de que os deuses que os peruanos estavam glorificando eram demônios disfarçados que procuravam a idolatria antes de Deus, que era o único e onipotente deus que dever-se-ia louvar e edificar. Os chefes das tribos não acreditaram em tais absurdos, porém os mais novos não desejavam passar a eternidade adorando o Diabo. A cristianização foi, de certa forma, difícil de se concretizar pois, até que os velhos anciãos não morressem e deixassem suas crenças de lado, não conseguiriam de fato converter-se ao cristianismo. Houve famílias que se converteram de forma a salvar suas vidas, até porque depois de certo tempo que o processo lento permanecia, os europeus começaram a obrigar que todos cristãos virassem; mas muitos se mantinham firmes em seus antigos deuses e, assim, eram enforcados como praticantes de heresia. A destruição de templos, de imagens e símbolos que remetiam a tais seres pagãos tornou-se um dos objetivos do alto clero para, assim, erradicar o paganismo em suas distintas religiões.

O cristianismo fez o credo sobre espíritos crescer, assegurando a existência das almas do além possivelmente habitar subterrâneos, sendo uns bons que se perderam da luz e outro que estavam somente para praticar o mal. Muitos sinais tornaram-se significativos, como um cadáver sangrar em seu velório na presença do assassino, vingança por parte do espírito que esperava justiça. As aparições poderiam ser pela simpatia que o espectro⁶ possuía pelos lugares que maior passou durante a vida como também por forças se agarrarem à terra sem abandonar as pessoas que amavam ou terem assuntos inacabados, que podem ser possíveis respostas à inquietação levantada por Delumeau: “Por que as almas saíam umas de seu repouso, outras de sua pena?” (2009, p. 125), o que nos leva a outro ponto: quando as almas retornam para

⁶ Segundo Pierre Le Loyer (apud DELUMEAU, 2009, p. 124), espectro é a verdadeira aparição de uma “substância sem corpo” que se apresenta contra a ordem natural e causa pavor, enquanto que fantasma é o “ver que nada é.” Essa última afirmação pode ser sensata se analisarmos hoje sob o ponto de vista clínico quando pacientes com doenças mentais apresentam crises psicóticas, as quais podem vislumbrar de todos os tamanhos e formas coisas que as vezes não estão de fato ocorrendo. Assim, algumas narrações podem de fato ter ocorrido como podem deixar a dúvida em cima da insanidade do narrador, tal qual acontece em obras em que o autor implica ao leitor a dualidade da história, se as ações de fato são verossímeis dentro do enredo.

visitar seus entes queridos e, que nesses dias, o sentimento de muitos na época era de puro pavor, isso não era uma consolação, era uma alteração no curso da natureza: “As almas dos mortos se reúnem três vezes ao ano: na véspera do Natal, na noite de São João e na noite de Todos os Santos, desfilando em longas procissões em direção dos lugares de reunião.” (DELUMEAU, 2009, p. 130). As pessoas evitavam ir a cemitérios nesses dias com medo do último habitante que falecera e que se tornava responsável em ceifar as vidas que ainda seguiam seus destinos.

Outros dois fatores que influenciaram nos medos desse período foram o papel dos judeus e das mulheres dentro da sociedade: enquanto a maioria procurava ter um emprego fixo, a maioria das famílias judias estavam consolidadas com indústrias que muitas vezes contratavam os europeus cristãos. Isso não era um fator de preocupação até a Igreja espalhar que os judeus eram uma ameaça à crença pura no cristianismo. Antes do totalitarismo hitlerista acontecer, os judeus foram perseguidos por não poderem prosperar em uma terra de cristãos, além dos teatros colocarem o judeu como protagonista responsável pela morte de Cristo. Eles foram proibidos de frequentar universidades e, segundo Delumeau, “todo israelita era um feiticeiro em potencial” (2009, p. 442) e “a medicina judia é uma magia” (2009, p. 445). Converter os judeus tornou-se missão, não importando os métodos a serem utilizados para alcançar esse objetivo.

As mulheres sofreram acusações de feitiçaria que as colocou em estado de alerta sob todas as ações corriqueiras. Qualquer ato duvidoso levantava suspeitas, e para os homens tornou-se uma ameaça, um “medo refletido” (DELUMEAU, 2009, p. 462). Antes exaltada como deusa⁷, o medo se expande ainda mais nas estruturas patriarcais, transformando a mulher em uma criatura a ser constantemente ocupada para que não tenha tempo de pensar, refletindo assim sobre sua posição dentro do círculo familiar. Vista sempre como o elemento materno que representa a natureza e o homem como a história, ela se torna um ser instintivo e dionisíaco enquanto que o homem é apolíneo e resolve tudo pelos pensamentos racionais, suposições que Delumeau (2009, p. 464). A mitologia de alguns pagãos trazia a mulher como ser maligno, a exemplo as Amazonas que eram devoradoras de carne humana, as Parcas responsáveis pelo corte do fio da vida e as Eríneas vingadoras, além do apetite sexual extremo que levava homens à sedução tornarem-se subordinados. Tudo era culpa da mulher, atenuando a pureza na virgindade e a feiura às grávidas que tinham seus corpos desarmonizados com a beleza da vida.

O homem torna-se a imagem de Deus, sendo exata a subordinação da mulher ao único sexo realmente válido, cabendo somente à mulher a reprodução, a geração do sexo masculino.

⁷ Como os gregos viam a mulher no classicismo.

Segundo São Tomaz de Aquino (apud DELUMEAU, 2009, p. 473), a menstruação da mulher era o meio de criação do filho, porém acreditavam também que esse sangue poderia destruir vegetações, corroer o ferro, o que levou a proibição de presença feminina em igrejas e de tocar em artefatos sagrados, podendo assim causar males imprevistos. Mulheres belas eram o maior dos desarranjos, eram elas as destruidoras da paz ao persuadirem cavaleiros a cometer atrocidades em prol de amor infinito: “A beleza na mulher é a causa de muitos males.” (MENOT apud DELUMEAU, 2009, p. 478).

O lado negativo foi enfatizado e o ser feminino tornado impotente: era mãe do pecado sem possibilidade de subir aos céus após sua morte, luxuriosa ao seduzir os homens e encorajá-los aos piores delitos, feiticeira devota aos demônios devendo fidelidade ao Diabo, ignorante e insensata (pois não possuía acesso à leitura), propagadora de males para seu marido além de ser orgulhosa e impura. Ao final do século XVI, teólogos passaram a definir novamente a mulher, caracterizando-a como um ser suspeito, devendo ao marido a responsabilidade de zelar pelo lar e pelos pensamentos que poderiam surgir a sua mulher que, na maior parte do tempo, encontrava-se atarefada com os afazeres domésticos, não restando tempo algum de cogitar refletir. A ciência médica expôs que, não somente servindo para a reprodução, o corpo feminino era o meio de prazer ao homem, podendo ele se banquetear ao usufruir da beleza feminina; ela era um “macho mutilado e imperfeito”, de acordo com Delumeau (2009, p. 498), servindo apenas para esses dois fins carnaís.

Em 1687, as mulheres foram proibidas de lecionar em escolas primárias para meninos, pois seria indecente; seus testemunhos para a justiça não eram válidos por não serem confiáveis. Quando uma mulher era julgada por algum ato adúltero, suas ações eram expostas e amplamente criticadas para servir de exemplo a esposas e filhas. A iconografia feminina exhibe a dona de casa zelosa que auxilia o marido nas tarefas agrícolas e que se responsabiliza pelos filhos; contraponto a isso, surge *O diabo doméstico*, de Adam Schubert, que incentiva os homens a manterem a obediência dentro de seus lares, porém ao final da obra o marido assassina sua esposa.⁸

Graças à misoginia aparente, a mulher era a feiticeira; homens praticavam também, contudo os alertas estavam sobre a população feminina.⁹ As mulheres velhas e feias eram os maiores alvos de atenção, pois acreditava-se que eram feiticeiras. Leis começaram a ser criadas pelo ano de 1320, porém a perseguição durou séculos e justificativas teóricas começaram a ser

⁸ Gustave Flaubert também narra as aventuras de uma mulher com desejos que se espelha em suas leituras para tornar-se adúltera, e *Madame Bovary* não tem um final feliz; um final realista à história que consagra Flaubert.

⁹ Bruxas de Shakespeare e em Fausto de Goethe.

escritas para haver condenações sensatas conforme as ações de bruxaria eram praticadas. As fogueiras começaram a ser acesas, mesmo que os atos por vezes fossem simples e sem malefício algum; a morte era concreta.

O pavor estava na conspiração da feitiçaria contra a Igreja, contra o catolicismo, tal qual o revigoramento em sabás e adorações ao anjo caído; os ritos de fertilidade permaneceram fortes durante os primeiros mil anos da Era Cristã, sem sofrerem massacre algum. Porém, quando as magias eram presenciadas fazendo com que muitos acreditassem nessas bruxarias, a Igreja começou a enfraquecer perante os fiéis que perdiam, tendo que procurar outras soluções. Disseminando a malignidade da feitiçaria, espalhando obras¹⁰ sobre o assunto como fontes de precaução, foram atitudes a serem tomadas para retomar a fé de seus discípulos. Torturas passaram a ser o meio de exigir confissões das pessoas, que indicavam feiticeiras ou assumiam a prática. Até que ponto, de fato, os praticavam se estavam sob efeito de torturas? Exemplo amplamente conhecido é as execuções de Salem, que na verdade eram meninas com convulsões; como não se tinha conhecimento médico sobre os ataques, acreditaram que as garotas estavam possuídas.

Graças aos medos explícitos, houve revoltas em que as pessoas, inquietas com a situação de pavor que havia se instalado, recorreu às ruas para exigir atenção das autoridades perante as injúrias que estavam enfrentando. Embora os anseios fossem gerais, a fome levou a população a cometer horrores para manterem-se vivos, comendo carniças infestadas de vermes e, até mesmo, cadáveres em decomposição; a miséria era tamanha que foi preciso sucumbir aos mais distintos ultrajes para permanecerem na luta. As sedições movimentaram as classes mais baixas, gerando agressões e alguns casos de morte. Os temores estavam instaurados, mas também a luta pelas soluções se tornou uma aliada na batalha de todos serem salvos dos males da época.

Nos anos finais do século XVII, em 1764, uma história se consagra ante todos os medos; *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, acabou virando a obra que marca o início da novela gótica, com o ambiente espectral necessário para incluir elementos fantasmagóricos com criptas e castelos, criando uma básica atmosfera de início da literatura do terror. Pelos olhos de H. P. Lovecraft, a obra tem traços de artificialidade e melodramas mal construídos, além do fato de ser entediante devido aos pulos que a trama dá. Cabe ressaltar que também em meados dos anos 1770, duas autoras (mulheres!) escreveram fragmentos não finalizados que as ligariam ao itinerário do horror sobrenatural, a Sra. Barbauld com *Sir Bertrand* e Sophia Lee, que com *O recesso* (1785) emprega os mesmos estilos de Walpole.

¹⁰ *O martelo das feiticeiras*, escrito por Heinrich Kraemer e James Sprenger, tornou-se a Bíblia das perseguições às bruxas.

O século XVIII apresentaria mais uma autora pioneira na novela gótica: Ann Radcliffe, com *Os mistérios de Udolpho* (1794). Lovecraft, sobre a trama que o fascina, comenta:

Trata-se, nitidamente, de material familiar retrabalhado apenas, mas é tão bem retrabalhado que *Udolpho* será para sempre um clássico. Os personagens da Sra. Radcliffe são típicos, mas não tanto como seus antecessores. E na criação de atmosferas, ela se destaca entre os de seu tempo. (LOVECRAFT, 2008, p. 31)

A sinal de largada havia sido dado, e o século XIX guardava surpresas amedrontadoras que iriam, de fato, immortalizar o horror fantástico na literatura mundial.

2.4 O medo literário dá as caras

O século das descobertas. Ano em que a Revolução Industrial superaquedece os novos mecanismos de manufatura, mantendo, porém, os temores da maioria.

As doenças surgem, mas há um controle especial devido a descobertas na Medicina. Procurando soluções que possam realmente ser concretas, cientistas investem na pesquisa, por vezes descartada, e revolucionam nessa aérea. Um pesquisador em especial fixou-se no hall da fama da história com sua ideia de criar um ser vivo com restos de cadáveres. Dr. *Frankenstein*¹¹ nos mostrou um ser repulsivo, porém de notória inteligência, que percebe sua forma asquerosa e pede a seu criador uma esposa, o que leva a morte de pessoas queridas pelas mãos da criatura. Mary Shelley (1797-1851) consagrou-se com uma maravilha escrita após um desafio em que ela e seu marido entraram, junto com os amigos Lorde Byron (1788-1824) e John Polidori (1795-1821)¹². A história da Sra. Shelley se saiu tão bem que até hoje presenciamos filmes relacionados a Frankenstein e sua criatura. Segundo Stephen King (2013, p. 77), a obra carrega traços de crítica a uma sociedade que deseja se aproximar dos feitos divinos, investindo na busca por respostas e na crença da manipulação do poder de dar vida pelas mãos do Dr. Frankenstein que brinca de ser Deus. Os medos ficam expostos através dessa incidência de preocupações a respeito do amanhã, que geralmente estavam baseadas no passado, na história que já era contada e que estava aos poucos permanecendo intocável, até porque não se pode mudar o que já havia ocorrido. Mas o futuro poderia ser manipulado, e por meio de Mary Shelley¹³ enxergamos esse lado do ser humano, muitas vezes frágil, que poderá fracassar em

¹¹ Romance escrito em 1818 por Mary Shelley.

¹² Cada qual deveria escrever uma história, ganhando aquela que melhor fosse construída. De fato, Mary ganhou com seus rascunhos e seu marido, posteriormente a auxiliou no desenvolvimento completo do *Prometeu Moderno*. John Polidori escreveu intitulado *The vampyre*, que muitos acreditam ser a inspiração de Bram Stoker.

¹³ Mary Shelley escreveu outros romances, destaque para *O último homem*.

projetos, podendo chegar a progredir, mas as consequências são infinitas e não há possibilidades positivas nestes efeitos.

Nos Estados Unidos, alguns anos depois da publicação da Sra. Shelley, mais romances góticos iriam balançar a mente de muitos leitores (e aturdem até hoje). Nasciam as mais belas construções da literatura do horror pelas mãos de Edgar Allan Poe (1809-1849); nossos corações delatores¹⁴ traçariam suposições acerca das finalizações das narrativas, contudo sempre sendo surpreendidas pelas palavras harmoniosas e certeiras que Poe carinhosamente engendrava que ligavam mente e espírito aos mais ínfimos detalhes. Lovecraft nos apresenta suas suposições sobre as obras de Poe:

Ele via com certeza que todas as fases da vida e do pensamento são temas igualmente propícios para o escritor, e inclinado que era, por temperamento, à estranheza e à melancolia, resolveu ser o intérprete daqueles poderosos sentimentos e frequentes ocorrências que acompanham a dor e não o prazer, a decadência e não o progresso, o terror e não a tranquilidade, e que são, no fundo, adversos ou indiferentes aos gostos e aos sentimentos superficiais ordinários da humanidade, e para a saúde, sanidade, e bem estar frequente, normais da espécie. (LOVECRAFT, 2008, p. 62)

Corresponde-se à opinião de Lovecraft, visto o fato das atmosferas escritas por Poe: a natureza psicológica das personagens as levam a questionamentos tão íntimos que a situação-ação se perde na loucura da construção narrativa, mantendo-se ritmada no desenrolar do enredo. Contudo, até os grandes possuem falhas que afetam minimamente sua fortuna literária; Poe impunha traços de uma comédia macabra invisível aos olhos do leitor e, algumas vezes, preconceituosamente imorais que não percebia a insensibilidade das palavras usadas; Lovecraft perdoa tais defeitos, pois, acima dessas insignificâncias, havia a “visão de mestre do terror que nos rodeia e nos penetra” (2008, p. 64). Assim, duas marcas dos romances são perceptíveis, uma puramente com a essência do horror espiritual (*Ligeia*, *Berenice*, *A queda da casa de Usher*), a outra com características anormais aos olhos da psicologia sem traço algum do sobrenatural (*O coração delator*, *O gato preto*). Poe entendia bem da mecânica do medo e da estranheza, sendo extremamente perfeccionista com suas histórias. Tem-se, em seus enredos, um comum protagonista, soturno, intelectual, elegante, melancólico em sua maioria, que busca entender os segredos do universo e da mente, fracassando geralmente; poderia ser esse um reflexo de suas próprias características? Possivelmente, pois Poe assim transparecia para todos, sempre altivo e inquiridor da natureza e da vida que o cercava.

¹⁴ *O coração delator*, escrito em 1843 por Edgar Allan Poe.

Em contrapartida com as características psicológicas de Allan Poe, a França em teve suas primeiras histórias¹⁵ uma legitimidade do irreal com Théophile Gautier (1811-1872), e *O pé da múmia* e *Uma das noites de Cleópatra* carregam traços de misticismo e do paganismo egípcio, retornando à ancestralidade para inserir elementos espectrais acrescentados a doses de mistério. O leitor de Gautier se depara com cadáveres embalsamados, catacumbas, arquitetura egípcia, ligados às almas milenares da mitologia do Egito.

Embora os lados do politeísmo possam ser fatores propulsores em algumas histórias, houve escritores que, decididos a unir ciência e emoção, como Mary Shelley o fez ao criar seu monstro, investiram em histórias tão tenebrosas quanto. *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson (1850-1894) se objetiva com esse propósito, e, de fato, deixa o leitor intrigado ao mostrar os dois lados da razão e emoção humanas. Stevenson consegue, com uma narração tão curta e perfeita, emancipar Dr. Jekyll de seu monstro, Mr. Hyde, expondo a dualidade da alma, os dois lados da moral humana, transformando o livre arbítrio entre praticar o bem ou o mal uma questão ética para cada um de nós (será que libertaremos nosso lado besta, ou o suprimiremos conforme toda uma educação emocional que carregamos desde a infância?) Conforme Stephen King (2013, p. 96), o estereótipo que se tem aqui é o do Lobisomem, que faz consonância com a transformação do bem para o mal, a qual outras personagens da literatura vão se revelando¹⁶. Com H. G. Wells (1866-1946) e Arthur Conan Doyle (1859-1930), iniciaram contos de terror com mais detalhe nos acontecimentos, diferente dos precursores que apresentaram ambientes espectrais que ativavam a imaginação do leitor e este apavora-se com a atmosfera que criava. Os enredos passaram a ter ainda mais fatos narrados que subestimam a percepção de quem está do outro lado das páginas, eventos que eram tão bem detalhados que a atmosfera nem importava de fato.

No mesmo ano da obra de Stevenson¹⁷, um conto de tamanha estranheza é finalizado nos anos de completa loucura do autor Guy de Maupassant: *O horla* delimita os traços da inquietação da mente com a suposição de criaturas siderais que estão na Terra para reduzir a humanidade pelo poder telepático; tensão encontra-se em cada linha da história, visto que sua atmosfera não causa espanto, mas sim os acontecimentos que são narrados. Outros contos do autor, que também causam aflição, podem ser citados: *O espectro*, *O lobo branco*, *No rio* e *O diário de um louco*, que contêm sinais da própria loucura de Maupassant.

¹⁵ “Sem a intensidade sincera e demoníaca” (LOVECRAFT, 2008, p. 56), Victor Hugo caracteriza algumas histórias com o fator sobrenatural: *Hans da Islândia* (1823).

¹⁶ Ver em *Carrie*, próximo item.

¹⁷ 1886.

Nos anos finais do século XIX, mais precisamente em 1896, outra obra surgiria e viria a se tornar outro clássico que muitos adaptariam para o cinema com versões fiéis e outras reinventadas de um dos personagens mais ícones da cultura pop. O vampiro original nasceria pelas mãos de Bram Stoker, mudando gerações que não dormiriam à noite com medo dos sanguessugas noturnos. *Drácula* remete ao mito do vampiro, o morto-vivo que se alimenta de sangue humano, imortal (durante a noite). Carrega, entretanto, teor sexual como crítica da repressão vivida na época; King (2013, p. 86) acredita que a obra de Stoker foi em resposta ao mesmerismo que ocorria na mesma época na Inglaterra, uma hipnose que as mulheres se submetiam para tratar seus males, o que as levava a um orgasmo e não aos efeitos dessa hipnose; muitas, assim, passaram a procurar pois espalhou-se o boato do estado de êxtase que ficavam após e da melhora aparente que era perceptível. A *Drácula* coube a interpretação da personagem clássica que desfruta de prazer ao consumir sangue, porém sendo exclusivo de mulheres jovens. A obra apresenta, dessa maneira, particularidades de necrofilia, pedofilia, sexo sem compromisso e o bem aparente sexo oral, visto que o sexo era reprimido e a solução era alguma alternativa da cintura para cima; a sexualidade obteve, então, sua camuflagem.

A literatura proporcionou o aprimoramento dos medos, que passaram a ser de ordem sobrenatural e psicológica, maquiados por metáforas criticistas à sociedade. Stephen King considera *Drácula*, *O médico e o monstro* e *Frankenstein* os precursores da literatura do terror e destaca que já os leu e reconheceu os traços que se refinaram ao longo dos anos pelas mãos de novos escritores. Ele vislumbra as obras passadas, sendo atencioso quanto à importância que elas carregam na história literária, e, pode-se dizer, da ascendência do medo, carregando os principais arquétipos definidos por ele: o Vampiro, o Lobisomem e a Coisa Inominável. (KING, 2013, p. 68) Tais arquétipos são a base peculiar de todas as histórias de terror que, mais tarde, incluiu-se com maior maestria o arquétipo do Fantasma. Narrações de prender o folego viriam a ser escritas após o alicerce da literatura do terror ter criado raízes.

2.5 Os novos moradores da literatura do terror

Tamanho foi o desenvolvimento do mundo como um todo que os terrores continuaram (e gradativamente permanecerão se alterando) conforme as situações-ações que são impostas aos seres humanos nessa busca frenética pelo poder. Relações de poder geram reações anárquicas que provocam pavores. Os governos totalitários são a prova dessa hegemonia delimitada para o temor iminente. O medo era absoluto, por exemplo, durante o nazismo; pessoas passaram a trabalhar consigo uma forma de manterem-se vivas, salvas, mesmo que isso

limitasse por um período que a esperança mantinha acesa a luz da liberdade. Mas não ocorreu para muitos. A prova ao executar inocentes instalava forçosamente o medo da morte. A maior de todas as ameaças estava se tornando concreta, o Anjo da Morte vinha impiedoso ceifar vidas, só que, após um tempo, nem ele mais aguentava a situação de desespero das almas aniquiladas. O medo foi a ferramenta para manter condenados, soldados e o restante do mundo em estado de alerta, temeroso do amanhã que poderia não nascer.

Quando as guerras tiveram um breve fim, o mundo permitiu-se respirar aliviado a tensão que se encerrava. Porém, a implícita guerra permaneceria por anos a frente e o terrorismo instalava-se com força total, deixando o pavor predefinido pelas novas ações em busca de um único poder absoluto. Mais horror imposto aos humanos.

Os humanos também avançaram ao universo. Estrelas foram nomeadas, a Via Láctea foi mapeada, o homem pisou na Lua. Essas informações trouxeram ideias a autores que abordaram a vida extraterrestre, com histórias que assombraram com criaturas verdes, atmosferas cósmicas, o espaço sideral como “lugar ruim” (KING, 2013, p. 297) e seus possíveis seres avançados dispostos ao domínio da raça inferior humana.

Não bastasse os temores externos que atingiam o homem, a solidão tornou-se fator de pavor. O receio de ser abandonado em um mundo perigoso, restrito às lembranças que suportam as feridas da existência única. Que medos irracionais não perturbam a mente humana? A maioria dos medos inconscientes são baseados no estado solitário, os horrores somente irão acontecer quando estivermos sozinhos e não existirá ninguém que poderá nos salvar. Os filmes de terror transportaram os livros para o visual, e o escuro não permaneceu mais o mesmo. Sem luz, tudo de ruim pode acontecer, um dos sentidos nos foi negado e assim o medo transborda, a mente se descontrola imaginando aberrações que podem levar nosso maior bem: a vida. Quantas noites mal dormidas após filmes de terror? O que se espreita nas sombras? E tudo se amplifica ao conhecimento do mal no mundo, mal esse que já levou vidas e apavorou outras muitas.

Autores foram ousados ao iniciarem trajetórias na literatura do terror com novidades, algumas reformulações de narrativas anteriores, outras histórias com traços psicológicos intensificados pela subjetividade de emoções distintas que são despertadas durante a leitura. H. P. Lovecraft imortalizou-se pelo conto *O chamado de Cthulhu* (1890-1937) o qual carrega o verdadeiro horror cósmico com criaturas extraterrestres que viriam a terra antes mesmo da vida humana existir; um culto programava trazer o deus Cthulhu de volta, o que causaria o fim da humanidade. A extinção da raça humana também é um tema recorrente na nova literatura do horror, em que a terra apocalíptica possui poucos sobreviventes que lutam para permanecerem

vivos, exemplo do livro *Eu sou a lenda*¹⁸, de Richard Matheson. Há a literatura gótica de Anne Rice e toda a série das *Crônicas Vampirescas* (1970), e as tramas de Shirley Jackson (1916-1965), que inclui o arquétipo do Fantasma (de acordo com Stephen King), sendo o habitat natural, o lugar ruim, a casa mal-assombrada: *A assombração da casa da colina* (1959) introduz em seu primeiro parágrafo a ideia de uma casa aparentemente normal, porém apresenta peculiaridades nada usuais e inquietantes. Destacou-se, também, a escritora Anne Rivers Siddons (1936) com o romance *The house next door* e a própria Siddons explica seu interesse particular em reproduzir histórias de fantasmas:

A questão parecia ser que, como afirma toda introdução a todas as antologias de histórias de terror que você já leu na sua vida, a história de fantasma é atemporal; atravessa todas as fronteiras de cultura e classe e todos os níveis de sofisticação, entra em comunicação imediata com algum ponto nas imediações da base de sua espinha, e toca aquela coisa encolhida dentro de todos nós, que observa em abjeto terror a escuridão depois da entrada na caverna, onde a claridade do fogo não alcança. Se no escuro todos os gatos são pardos, então, basicamente, também todas as pessoas sentem medo dele. (SIDDONS apud KING, 2013, p. 303)

Ela continua (SIDDONS apud KING, 2013, p. 304) afirmando que, particularmente, casas mal-assombradas atingem de maneira profunda devido ao significado que uma casa tem para uma mulher, em que o ambiente é um lar, um conforto, um forte que lhe dá toda a proteção necessária, e quando essa estrutura está ameaçada por criaturas invisíveis, torna-se um desgosto tão ambivalente que chega a ter sinais de violação, uma degradação que não são suportáveis. Tal foi seu sentimento ao ler o romance da Sra. Jackson que se sentiu ascender para a ideia de criar a sua própria casa mal-assombrada.

Stephen King evoca um profundo sentimento de gratidão aos autores que possibilitou a ele a imaginação livre de criar novos romances e contos fantásticos, contudo teve como parceiro de escrita um dos autores que admirava. Peter Straub (1943) ganhou King como seu leitor fiel pela obra *Os mortos-vivos*, que também traz os fantasmas como protagonistas. Em parceria vieram a escrever *O talismã* e *A casa negra*.

King carrega um arsenal de obras extenso, não tendo objetivo algum de encerrar sua carreira artística. Somente a morte, um de seus maiores personagens onipresentes, irá lhe impedir de prosseguir escrevendo. Quem ganha mais noites em claro são os leitores, que o reconhecem como mestre do gênero, estando sempre a par das novidades. Tal é a obra fantástica do autor que, logo após publicar o livro de não-ficção *Dança Macabra* (1981) que apresenta a ideia dele dos arquétipos das histórias de terror, ele se aventura na escrita de uma de suas

¹⁸ Escrito em 1954.

maiores obras que levariam quatro anos para ser finalizada, o fixando ainda mais no coração dos fãs. *It, a coisa* iria reunir todos os arquétipos, monstros e fatos da infância do autor, lhe dando um trabalho enorme, porém gratificante logo ao saber que sua mais essa obra iria girar no cinema, um de seus outros amores.

3 A COISA E SEU MERO NARRADOR

O incentivo de uma mãe e o resgate de um manuscrito da lata de lixo por sua esposa tornaram um menino um grande escritor. Ou, cabe mencionar, como o próprio se considera, um simples “co-narrador” das ações dos personagens, que respiram vida e tecem seus destinos, finalizando por conta própria suas histórias. Considerado o mestre do terror e suspense moderno, Stephen King conseguiu destacar-se com obras que levam o leitor a ansiedade e medos profundos à procura de um fim para a tortura incessante exposta a cada página.

3.1 O percurso de um Rei¹⁹

Norte-americano nascido em Portland, Stephen King teve uma infância movida por histórias de suspense e terror, muitas vezes lidas no formato de HQs que lhe inspiraram a escrever histórias semelhantes. A cada leitura concluída, um *flash* de ideias acendia em sua mente, com personagens parecidos aos da história finalizada. Porém, sua mãe, ao ler um de seus primeiros rascunhos, duvidou da narrativa do filho e o encorajou a escrever as suas próprias, com ideias originais, acreditando na imaginação de seu filho. Ao demonstrar interesse na leitura de outras, o menino escreveu em um ritmo frenético, procurando demonstrar seu potencial, e, ao apresentar a nova história, escrita com muita criatividade, conquistou sua primeira leitora e fã, sem imaginar que dessa atenção sua vida mudaria por completo. Nascia um escritor.

A adolescência foi firmada em histórias de um aspirante a autor que fazia questão de divulgar seus trabalhos para outros alunos, mostrando sua mente ilimitada. Com outras leituras e alguns filmes, sua cabeça explodia de supostas personagens que ainda estavam ao passo da escrita definitiva. Devido ao grande interesse pelas letras, decidiu cursar Inglês na Universidade do Maine, conhecendo a mulher que viria a ser sua companheira de vida e primeira leitora crítica de suas obras. Tabitha conseguiu manter-se leitora analítica em um momento de dúvidas, e *Carrie* foi resgatada da lata de lixo e encaminhada a uma editora. Uma garota com telecinesia conhecendo a si e aos seus poderes, escondendo-se de uma mãe religiosa e de perseguições adolescentes? O primeiro livro de grande sucesso de sua infinita fonte de criação. Afinal, Stephen é uma máquina de histórias.

Desde a publicação de *Carrie*, em 1974, uma história por ano era escrita por King e publicada logo em seguida. Eram escritas noturnas, pois ele lecionava durante o dia. Sempre

¹⁹ Em inglês, *king* significa rei. Foi utilizada a palavra referente à sua tradução.

acreditou na assiduidade da prática que tanto amava; era o ato contínuo da escrita que transformava suas palavras em arte literária, permitindo-se um descanso ao finalizar uma narrativa. Sua paixão por escrever era evidente para sua mulher, que o acompanhou em todas as versões dos manuscritos, indicando alguma situação não resolvida ou mal explicada na trama. King garante que sua mulher faz parte de todas as histórias bem-sucedidas que escreveu: ela acreditou, e forneceu espaço para seu trabalho, além de auxiliar nas possíveis falhas que deixava. Afirma: “Escrever é um trabalho solitário. Ter alguém que acredita em você faz muita diferença. Eles não precisam fazer discursos motivacionais. Basta acreditar”. (KING, 2015, p 68)

Em seu livro *Sobre a escrita* (2015) King fala muito da sua experiência como escritor que nunca deixou de ser também um constante leitor, sem dispensar leitura alguma que o deixe intrigado. Esse envolvimento com livros de ambos os lados, como escritor e leitor, o fez perceber da incrível arte que é a literatura. Histórias distintas que ampliam saberes, que transformam opiniões. Essa arte que é um suporte à vida, e não o contrário, como o próprio afirma.

O sucesso de suas histórias fez com que muitas fossem transportadas para o mundo cinematográfico: *Cujo*, *O iluminado*, *Carrie*, *O cemitério*, e muitas outras. Entre elas, *It, a coisa*, obra que será analisada neste trabalho. Com uma adaptação em 1990 e uma lançada em setembro de 2017, *It, a coisa* possui um enredo complexo e extenso, necessário o seu resumo para análise que será realizada. Em algumas páginas, a história de mais de mil será resumida, consistindo nas características e ações básicas da trama para a teoria abordada.

3.2. *It* e sua obscura história

1958. Ano em que se passa a história, mas também em 1985, abordando a história de oito personagens principais que embasam a narrativa. *It, a Coisa* se consolida em páginas de puro pavor sobrenatural.

Sete crianças que criam laços de amizade: Bill, Stan, Mike, Ben, Eddie, Richie e Beverly. Cada um com uma característica que os torna alvo de bullying, cada qual enfrentando problemas que a amizade dará suporte. Todos se unem em uma aventura quando o irmão de Bill, Georgie, é encontrado morto sem o braço esquerdo em um bueiro, episódio estranho para eles. A relação do grupo, o Clube dos Perdedores, cresce ao passo de outras crianças sumirem em Derry, a cidade em que eles moram. O restante da cidade parece não preocupar-se tanto com o desaparecimento, como se isso fosse comum ao passar dos anos.

As crianças percebem que tais sumiços são causados por uma força maior, uma coisa que não sabem ao certo o que é, mas que possui um efeito poderoso na cidade e em seus moradores. A coisa, depois de um tempo, começa a aparecer na forma de palhaço para as crianças, Pennywise se nomeia, sua forma mais tranquila de conquistar as crianças para depois lhes causar pavor e devorá-las. As crianças possuem medos mais concretos, fáceis para a Coisa se transformar e lhes causar terror, diferente dos adultos, que possuem medos abstratos, como a solidão, o abandono, a carência. Assim, as formas terríveis de apresentar-se às crianças são de lobisomem, tubarão, pássaro, múmia, entre outras, e o temível palhaço Pennywise.

Os novos amigos decidem enfrentar a Coisa, planejando maneiras de atacá-la e destruí-la, não sendo tarefa fácil. Os encontros dos amigos se tornam mais frequentes à medida em que a Coisa faz novas vítimas e os assusta a cada passo planejado para a batalha. No decorrer das investigações para descobrir o que fazer, ainda são atacados por um trio de meninos que se realiza em perseguí-los, tornando suas investidas contra a Coisa algo ainda mais difícil de se concretizar.

Apesar dos empecilhos manipulados pela Coisa, os amigos encontram uma saída para matá-la. A batalha acontece na tubulação de esgotos da cidade, já que é lá que a Coisa se esconde. Eles conseguem destruí-la. Temporariamente. Prometem que se ela voltar, eles a enfrentarão de novo, e quantas vezes necessário for para esse mal se extinguir.

Anos se passam. Os amigos do Clube dos Perdedores se afastam, cada um seguindo sua vida em cidades diferentes. Estão bem de vida, fizeram sucesso nas carreiras escolhidas, seguiam o rumo destinado sem lembrar de fato algum do ocorrido em Derry. Depois da saída da cidade, alguma Coisa fez com que suas memórias do ocorrido naquele verão de 1958 fossem apagadas. Não lembram de nada. Contudo, Mike continuou na cidade, levando sua vida simples, sem sucesso algum, trabalhando na biblioteca local. Em 1985, toma uma decisão: liga para seus antigos amigos para lhes pedir ajuda. A Coisa havia retornado.

A ligação ativa as memórias dos amigos, que hesitam a princípio. Porém, sabem que precisam acabar de vez com esse mal. Todos voltam, menos Stan. O retorno os lembra dos acontecimentos daquele verão, em que Bill havia perdido seu irmão para um mal sem precedentes; que derrotaram esse mal na batalha final, mas a guerra havia retornado. Eles precisam ser fortes. Todas as lembranças dos amigos sobre a Coisa e seus problemas particulares que geravam seus medos são contadas no livro entre os flashes da vida adulta e das novas descobertas sobre a origem da Coisa. Afinal, ela não é somente um mal da cidade; ela é a cidade de Derry. Há uma influência psíquica inconsciente em seus moradores, que a Coisa manipula para poder se alimentar cada vez mais. E, ainda, segundo as informações descobertas

pelos amigos, ela sempre irá aparecer em um prazo de vinte e sete anos, após hibernar, para se fortalecer. Sua presença é tão impactante na cidade que torna os adultos dali enfeitiçados pela sua (semi) presença. Mas ela não é a única criatura presente em Derry; há a Tartaruga, outro ser inabalável às investidas da Coisa para liquidá-la. A Tartaruga é o outro lado de Derry e da criação, é a bondade, a esperança, a amizade. Enquanto a Coisa é tudo de ruim que Derry pode oferecer, a Tartaruga torna-se o equilíbrio que todos almejam em Derry.

Os membros do Clube dos Perdedores, agora adultos, terão de enfrentar novamente a Coisa, que ainda lhes aparece mais na forma do palhaço Pennywise. Contudo, dessa vez será diferente. Alguém terá que morrer, alguém terá que sacrificar um amor, todos verão sua amizade posta à prova pelas alucinações da Coisa.

Outra batalha, dessa vez definitiva. A vitória dos amigos é finalmente realizada. A Coisa foi derrotada, mais uma vez. Resta apenas seguir com a vida que cada um havia previsto para si. Enfrentando problemas, só que dessa vez problemas reais e com doses de normalidade. A Coisa se foi. Para sempre.

Ou será somente que ela voltou a hibernar? A resposta pode estar ali há vinte e sete anos.

3.3 Protagonistas essenciais

O enredo de *It, a coisa* carrega personagens características e essencialmente representativos à maioria das crianças. Cada criança é traçada com peculiaridades distintas que os uniram na luta tanto ao mal iminente da Coisa como também ao bullying que sofriam.

A única menina do grupo, Beverly Marsh, é representação feminina que sofre abusos do pai. Autoritarismo paternal em que a filha permanece encarcerada psicologicamente, cuidando cada passo a ser dado, cada palavra a ser pronunciada que podem permitir ao pai impulsos de agressão. A filha deve manter-se na linha, procurando ordem nas ações e sem ter amizades com garotos. Ela consegue permanecer afastada do pai durante sua amizade com o Clube dos Perdedores, lugar em que pode ser ela mesma e sentir-se livre sem julgamentos. Na escola, a realidade não é diferente e apoia os amigos contra o valentão que insistem perseguir seus amigos. É descrita como ruiva, cabelos longos, roupas que não favorecem seu corpo por conta das insinuações que o pai pode vir a deduzir sobre sua personalidade. Mais forte que a maioria dos garotos, tem uma ótima pontaria que a leva a ser escolhida no ataque contra a Coisa como quem irá mirar o estilingue com as bolinhas de prata. No decorrer da história, percebe-se que Beverly veio a se casar com uma figura paterna, que exerce a mesma influência que o pai

tinha sobre ela; ela sofre abusos, mas a relação é perturbada ao passo dela sentir-se segura na relação que tem com o marido. Beverly somente se livra dessas amarras quando recorda-se da infância e de tudo que havia acontecido, posicionando-se novamente como uma personagem forte, apesar de ter repetido padrões semelhantes aos que presenciava com o pai.

Durante a obra, Beverly é amada secretamente por Ben Hanscom (ele acredita que ela não desconfia de nada, porém ela sempre soube que havia sido ele que escrevera o haicai a ela). Ben é o garoto gordinho do grupo, sofrendo perseguição de Henry e seus amigos. Ele é muito inteligente e se recusa a fornecer cola ao garoto, que se irrita e passa a persegui-lo. Algumas cenas da história mostram Henry sendo extremamente cruel, o que guia Ben a uma amizade com Clube dos Perdedores. Ele possui talento com construções, vindo a se tornar o melhor arquiteto jovem quando adulto. Ele é afetuoso, gentil e não tem medo quando o perigo pode chegar até seus amigos e principalmente à Beverly.

Eddie Kaspbrak é o garoto hipocondríaco, sofre de asma e sua mãe é extremamente protetora, com medo de que o filho venha a contrair qualquer doença. Este é mais um personagem que vem a se casar com uma mulher semelhante à mãe, refletindo suas inseguranças quanto à solidão. Eddie não possui doença alguma, a manipulação da consciência do garoto por parte da mãe o leva a acreditar em tais efeitos e sintomas de suas patologias. Aparenta-se que o garoto é um dos elos mais fracos do grupo, porém ele se torna uma figura que dá a vida para salvar os amigos, entendendo que sacrifícios precisam ser feitos para que a maioria possa viver. Consegue se impor no final do primeiro ciclo à mãe, que tende a fazer chantagens emocionais com o filho que cede, mas não abre mão de seus amigos em nenhum momento.

Stan Uris ama pássaros. Judeu perseguido também por Henry, é o personagem que comete suicídio quando recebe o telefonema avisando que a Coisa retornou. Ele possui uma personalidade introspectiva, não se manifesta muito, porém o pavor que sente é definitivamente o maior entre os sete. Ele procura não acreditar nas coisas que acontecem, pensando que isso tornará o medo menos real. Embora seu pavor seja intenso, ele vai até o final no primeiro ciclo. Contudo não suporta a ideia de enfrentar uma segunda vez a Coisa e põe fim em sua vida na banheira de casa, deixando sua mulher apavorada com o que encontra: após cortar os pulsos e braços, usa o sangue para escrever nos azulejos a palavra COISA.

Richie Tozzier, o garoto de mil vozes. Usa óculos, é o engraçado do grupo, procurando sempre promover alguma risada nos momentos de tensão. Personagem caracteristicamente humorístico, é um amigo que está disposto a ajudar no que for necessário. Já adulto, é quem procura trazer Bill de volta de um possível estado catatônico antes de ser devorado pela Coisa.

Mike Hanlon é o garoto negro que sofre inúmeras perseguições do grupo de Henry. É o último a se unir ao grupo, trazendo maiores informações que seu pai tem sobre acontecimentos que ocorreram a Derry. Ele permanece na cidade, sendo quem dá os telefonemas avisando os amigos. Permanece sendo a figura que não abandona, pronta para documentar toda a história necessária a compreensão do grupo para enfrentar a Coisa.

Todo grupo tem um líder, e não é diferente com o Clube do Perdedores. Bill Denbrough é irmão de George, a primeira vítima de Pennywise que é relatada no livro. Bill carrega a culpa pela morte do irmão ao pensar que, se não tivesse deixado George ir brincar sozinho, a criança ainda estaria viva. Possui uma liderança nata, apesar de ser gago, característica pela qual sofre *bullying* também. Sua vontade de enfrentar a Coisa é movida pela vingança que deseja concretizar, levando seus amigos ao apoio mútuo de acabar com esse mal que cerca a todos. Outro personagem extremamente forte, torna-se escritor de histórias de terror que são lembranças adormecidas da infância perturbada que enfrentou.²⁰ Casa-se com uma atriz de cinema parecida fisicamente com Beverly; Audra vê a real face da Coisa que a leva à perder sua sanidade.

E como personagem que nomeia o romance, a Coisa, uma força sobre-humana que veio do universo. No início, somente a Coisa e a Tartaruga existiam, e a chegada na Terra no território que na história é Derry. Ali ficou se alimentando de diferentes formas, até que percebeu que se alimentar de crianças transformando-se em seus maiores medos era praticamente um modo mais rápido de permanecer viva. Mantinha-se satisfeita até que era forçada a sair a procura de mais alimento, pois nada durava para sempre. Descobriu que poderia manipular qualquer coisa em Derry, transformando a cidade em seu lar. Tudo que estava nos domínios de Derry sofria influência da Coisa. E sua fome manteve-se em harmonia com sua perspicácia de agir sobre muitos acontecimentos da cidade ao longo dos anos, o que concedeu à ela a crença de sua imortalidade. Até o Clube dos Perdedores se unir e afetar os ciclos da Coisa e sua chance de se multiplicar, até porque “ela é fêmea e está grávida.” (KING, 2014, p. 1018).

²⁰ Um de seus contos (*O Escuro*) é a história um garoto que descobre uma criatura com olhos amarelos no porão de casa e decide enfrenta-la.

4 TODA A FORMA DE HORROR EM *IT*

“O terror que só terminaria 28 anos depois (se terminasse), começou, até onde sei ou consigo saber, com um barco feito de uma folha de jornal flutuando por uma sarjeta cheia da água da chuva.” (KING, 2014, p. 13) A frase, que dá largada a 1103 páginas, apresenta de cara um terror sem precedentes que iria assombrar a cidade de Derry e, também, ao Clube dos Perdedores. A suposição presente do fim desse terror vai sendo construída no decorrer de toda a narrativa de Stephen King, que surpreende a todos com o final, mas também com surpresas durante a história. Com um ciclo de mais ou menos vinte e oito anos, a Coisa se alimentava de crianças (e de alguns adultos no decorrer dos fatos narrados) que a mantinham, em seguida, no período de hibernação e forte o bastante para retornar, podendo assim iniciar sua caçada. Uma força incomum sobre os moradores, que não percebiam a influência maligna que os cercava, mas que obteve atenção de um grupo de amigos para enfrentarem essa criatura.

Nas primeiras páginas, encontramos o motivo de tamanha história: a morte de George, irmão de Bill Denbrough que enfrentaria a Coisa que assassinara seu irmão. Apresentando uma criança feliz que “corria alegremente” atrás de seu barco de papel, King nos inunda com as recordações de infância que são ativadas com a cena e nos prendemos em todas as ações de George brincando com o barco que seu irmão o ajudara a construir. Os toques finais no barco também haviam feito o medo infantil ressurgir, outra sensação que carregamos dentro de nossas lembranças: Bill pede a George que vá ao porão pegar parafina, o que incomoda o garoto, pois o medo de uma coisa com “garras, peludas e cheias de ódio assassino” estivesse esperando o momento certo de atacá-lo; o medo irracional que sentimos com a escuridão de um porão e seus possíveis moradores é vivenciado pela maioria das crianças, mas sempre sem coerência por tais perigos não existirem. King utiliza os medos infantis que estão lá, no subconsciente, para criar uma atmosfera de terror. Isso vai se acentuando na medida que George se encaminha para buscar a parafina e percebe que não há luz no porão, porém, quando cogita retornar sem o que seu irmão pedira, este o chama e intensifica o pedido, se não o irmão não terá o barco. George se encoraja, age rapidamente com medo de ser agarrado e puxado para a escuridão e, quando encontra a parafina, sai rapidamente. As primeiras páginas são angustiantes, ao passo de vivenciar cada palavra junto com a criança e, quando o produto é encontrado, saímos correndo antes mesmo de saber que George faria o mesmo. O ambiente criado segue em ritmo frenético junto aos pensamentos da criança e cada respiração é um barulho que deve ser evitado, até que ele retorna ao quarto do irmão, ambos tendo muitas risadas após discutirem sobre quem seria o

maior *cuzão*²¹. A mãe tocava piano na sala e parou por um instante, retornando à melodia de *Fur Elise*²², música que viria a lembrar Bill do dia da morte do irmão. Aqui, fica explícito que George irá morrer no mesmo dia das risadas intensas entre os irmãos: “Minha mãe estava tocando isso no dia que George morreu”. (KING, 2014. P. 19)

Após o veleiro ser finalizado, Bill pede que o irmão se proteja da chuva e, antes dele partir, pede ao irmão que tome cuidado; George garante que irá se cuidar. Bill ouve as últimas palavras do irmão, que iria ser morto pela Coisa.

4.1 A Coisa personificada

A principal imagem usada pela Coisa para atrair as crianças foi a de Pennywise, o Palhaço Dançarino. Como estratégia, essa figura proporcionava à Coisa a oportunidade de se aproximar de suas vítimas primeiramente seduzindo com a ilusão circense, carregando sempre seu talismã, os balões, despertando fascínio imediato nas crianças. Uma figura com um sorriso enorme, quase rasgado, fisicamente semelhante ao palhaço Ronald McDonald, usando roupa larga com grandes botões laranjas e luvas brancas, provocava, primeiramente, um encanto mortal (literalmente), mas que observada mais de perto causava pavor instantâneo antes de atacar suas presas. A Coisa se modifica em outras figuras que particularmente causam medo nas crianças, contudo, no decorrer da narrativa, sua forma oficial de manter contato com o Clube dos Perdedores é pelo Palhaço Pennywise.

Quando George sai para brincar com seu barco, temos a primeira aparição da Coisa. Com as peculiaridades citadas anteriormente, ele se depara com o palhaço no bueiro, logo após seu barco escoar com a água da chuva. Aqui, o bueiro torna-se o primeiro Lugar Ruim que Stephen King caracteriza em sua forma menos esperada, até porque bueiros não são lugares limpos, muito menos que pessoas serão vistas em dias de chuva (e em qualquer outro dia) fantasiadas de palhaço. Antes de ver o palhaço, a criança visualiza olhos amarelos, do tipo que sempre imaginou existir no porão, mas que nunca havia visto até o bueiro. A sedução da devolução do barco pelo palhaço aumenta ao passo desse insinuar o circo e todas as suas aventuras ao estar em um ambiente colorido, alegre. Somos transportados, também, pelas sensações do circo, dois ambientes são contrapostos: mesmo sabendo que o palhaço está no bueiro, a imagem e os cheiros que George vai sentindo são passadas para nós, leitores, também. Mas antes que a ideia do circo e dos “balões que flutuam” possa ser concebida, a Coisa

²¹ Uso recorrente de palavrões em diálogos.

²² “Para Elisa”, composta por Ludwig van Beethoven.

manifesta seu ataque e sua feição muda para o terror que realmente é²³; George acaba sendo o primeiro a ver a verdadeira face da Coisa, pois “o que ele viu então era terrível o bastante para fazer suas piores fantasias da coisa no porão parecerem doces sonhos; o que ele viu destruiu sua sanidade em um golpe de uma garra”. (KING, 2014, p. 24). Comprova-se essa ideia ao final do livro, quando a esposa de Bill entra em estado catatônico após ver a real forma da Coisa, levando a conclusão que George visualiza também essa imagem apavorante que os faz perder suas faculdades mentais.

O livro possui sua estrutura em cinco partes. Na primeira parte, temos as disposições gerais de personagens e os dois primeiros ataques nos ciclos de 1957/1958 e 1984/1985. O primeiro com a morte de George, ativa a história que unirá as crianças e as fara prometer retornar caso a Coisa voltasse. O segundo ataque tem suas ações na morte de um homossexual que, aparentemente para a polícia local foi um ataque de homofobia, porém que teve a morte do rapaz concretizada pelas mãos de Pennywise, que avistado pelo namorado da vítima é descrito como semelhante à Ronald McDonald; sabemos se tratar da Coisa que inicia seu ciclo novamente.

As próximas aparições da Coisa, sequenciais ao livro, ocorrem quando as lembranças do primeiro ciclo estão retornando aos membros do Clube dos Perdedores. A primeira vez que venceram a Coisa, suas vidas ficaram ligadas pelo pacto de retornarem se o mal surgisse novamente. Contudo, ao passo de prosseguirem com suas vidas e todos (exceto Mike que permaneceu na cidade) serem bem-sucedidos e terem esquecido de tudo que havia ocorrido, quando são avisados do retorno do mal, começam a reviver suas memórias ocultadas. Ben se recorda de quando teve seu primeiro contato com o palhaço, não acreditando que uma pessoa poderia estar fantasiada daquela forma e sem sombra alguma refletida pela lua, além dos balões que carregava estarem contra o vento. Depois de perceber que tal vislumbre não poderia ser bom, a coisa fala com ele e se transforma na múmia, passando a persegui-lo:

Não era maquiagem que o palhaço estava usando. Nem estava ele enrolado em um monte de ataduras. Havia ataduras, a maior parte ao redor do pescoço e pulsos, voando ao vento, mas Ben conseguia ver o rosto do palhaço claramente. Tinha linhas profundas, como um mapa de rugas em um pergaminho, bochechas rasgadas, carne desgastada. A pele da testa estava ferida, mas sem sangue. Lábios mortos sorriam sobre uma mandíbula nas quais dentes se inclinavam como lápides. As gengivas eram esburacadas e negras. Ben não conseguia ver os olhos, mas alguma coisa brilhava no interior dos buracos negros como carvão. Alguma coisa como as pedras preciosas frias

²³ O primeiro capítulo da obra poderia ser um conto com uma história suspensa. Cada detalhe apresentado encaixasse com perfeição a ideia de uma criança que é atacada por seu maior medo após um momento intenso com seu irmão, sem saber que esse seria seu último contato antes de morrer.

nos olhos de escaravelhos egípcios. E apesar de o vento estar para o lado errado, parecia que ele conseguia sentir o cheiro de canela e especiarias, mortalias apodrecidas tratadas com drogas estranhas, areia, sangue tão velho que tinha secado e virado flocos e grãos de ferrugem... (KING, 2014, p. 213)

Novamente, somos agraciados com uma riqueza de detalhes na descrição que camuflam qualquer possibilidade de divagar na leitura, deixando cada sensação exposta e todos os sentidos aguçados diante de tal narração; a canela e especiarias são inaladas junto com a putrefação do sangue seco que emana o cheiro de ferro.

Com o passar das descrições, surgem as aparições da Coisa conforme o medo das vítimas; ela se projeta da forma mais concreta e com realces sensoriais que inserem o escolhido em uma atmosfera completa de pânico, gerando de imediato reações de defesa que podem ser eficientes ou não. Uma das transformações é o Monstro da Lagoa Negra, que aparece à um garoto que perdeu o irmão mais novo sob atos de violência do padrasto; um capítulo é dedicado a história do desaparecimento desde menino, pois o sumiço leva a polícia local a investigar o que de fato teria levado à morte do irmão mais novo; acabam por descobrir que o padrasto, após deferir golpes à criança, o encaminha ao hospital pela gravidade dos ferimentos que acabam levando o menino à morte. Como concluem que um foi espancado até ter sua consciência perdida, deduzem que o mesmo ocorreu ao irmão mais velho. King constrói este capítulo primeiramente sob recortes de jornal para, ao final, apresentar a narração do ataque da Coisa ao garoto: ele é atacado pelo Monstro da Lagoa Negra após ver o irmão que havia falecido. O garoto procura manter a racionalidade até o final, pois aquilo não poderia ser real:

Mas mesmo assim alguma racionalidade permaneceu nele, mesmo até o final: quando o Monstro enfiou as unhas na carne macia de seu pescoço, quando sua artéria carótida se rompeu em um jorro quente e indolor que encharcou a pele reptiliana da coisa, as mãos de Eddie tatearam nas costas do Monstro em busca de um zíper. Elas só penderam quando o Monstro arrancou a cabeça dele dos ombros com um resmungo baixo de satisfação. (KING, 2014, p.260)

Mais à frente, quando Richie e Bill enfrentam a Coisa sozinhos, ela se apresenta como o Lobisomem Adolescente. Outra personificação da Coisa ocorreu para Ben (já adulto) na biblioteca: “não era Bela Lugosi nem Christopher Lee nem Frank Langella nem Francis Lederer nem Reggie Nalder”²⁴ (2014, p. 531), mas era o Drácula, com o rosto e nariz retorcidos, pronto com os dentes afiados a cortar qualquer garganta. O leitor é agraciado também com o vislumbre

²⁴ Todos os atores citados interpretaram o papel de *Drácula* no cinema ou televisão.

de um tubarão no canal da cidade de Derry quando Bill se encontra com um garoto que diz ter um amigo que viu uma barbatana de uns 2,5 metros no canal, conseguindo escapar antes de ser atacado. Tais personificações da Coisa são, no caso, referências aos medos gerados pelos filmes lançados durante os dois ciclos da Coisa²⁵, com a vitalidade que não aparece no filme e sem o zíper visível; a Coisa se tornava o monstro real, com todos os detalhes para intensificar o medo, causando assim terror absurdo. O sucesso dos filmes de terror influenciou o autor a transcrever os ícones da cultura macabra no imaginário fictício da obra, e o próprio King comenta sobre a escolha dos monstros, em que todos que ele pode imaginar ele colocou na história além dos incidentes da infância dele²⁶.

Alguns espaços constituem a atmosfera macabra que antecede um susto, carregado de imagens que remetem à escuridão, penumbra, sombras. A Coisa surge em ambientes escuros e mal iluminados, espreita as crianças pelos canos de esgoto, a casa onde usualmente está é velha cercada de mato, e há um triciclo abandonado todo enferrujado. Detalhes que ajudam o leitor a criar em sua memória o ambiente que se passa a história, contudo, King mescla a imagem das atmosferas com informações que são úteis na construção complexa do enredo, como quando Mike passa a escrever sobre os registros anteriores de Derry. Um dos espaços é o bar Black Spot, direcionado somente ao público negro²⁷ que acaba sendo uma insulta aos brancos; o bar é incendiado com pessoas dentro, algumas não conseguem sair e temos aqui detalhes sobre janelas sendo quebradas, pessoas queimando, que causam posteriormente pesadelos em quem vê a cena; aqui, ao final no controle das chamas, o pai de Mike (é quem conta a história pois foi uma das vítimas) revela ao filho que viu um pássaro com “18 metros de envergadura” que descia e pegava os corpos em chamas, mas não pairava, flutuava com leveza. Uma das aparições para o próprio Mike foi a de um pássaro gigante, o que, para ele depois do relato do pai, somente seria a Coisa recolhendo as pessoas durante o incêndio. No livro, quando Mike está redigindo a história contada pelo pai, ele adormece; quando acorda percebe que teve companhia durante a noite:

As marcas, secando e virando leves impressões de lama, levavam da porta da frente da biblioteca (que eu tranquei; eu sempre a tranco) até a mesa onde eu dormi. Não havia marcas saindo da biblioteca.

²⁵ Uma das passagens do livro apresenta as crianças assistindo o filme *I was a Teenager Werewolf*, o que leva Richie e Bill a verem a Coisa transformada no Lobisomem Adolescente.

²⁶ Um dos incidentes está ligado ao bloqueio das crianças quanto ao período enfrentado contra a Coisa, pois Stephen havia bloqueado a lembrança da morte de um amigo nos trilhos de um trem. Vida e arte se cruzam de modo fictício.

²⁷ Nessa passagem da história, King insere a personagem que já existia em outro romance de sua autoria: Dick Hallorann, o cozinheiro iluminado de *O Iluminado*.

Fosse o que fosse, foi até mim à noite, deixou seu talismã... e simplesmente desapareceu.
 Preso à minha lâmpada de leitura havia um único balão. Cheio de hélio, flutuando no sol da manhã que entrava por uma das janelas altas.
 Nele havia uma imagem do meu rosto, sem os olhos, com sangue escorrendo das orbitas, um grito distorcendo a boca na superfície fina e emborrachada do balão.
 Olhei para isso e gritei. O grito ecoou pela biblioteca e ecoou de volta, vibrando da escada circular de ferro que levava às estantes.
 O balão estourou com um estrondo. (KING, 2014, p. 459)

Cada palavra pode ser sentida, cada curva de som representada pelo grito chega até nossos ouvidos. A cena gera angustia e pânico no leitor tanto quanto gera em Mike. Cada detalhe passa a ser visualizado junto com a personagem, o estouro do balão ecoa em nossa mente quando o ponto final da segunda parte do livro acaba.

4.2 Os traços do medo feminino no romance

A obra, como um todo, contempla os medos infantis, caracterizando personagens conforme suas experiências de vida (por exemplo, o leitor fica sabendo pela voz da Coisa que a forma de pássaro para se apresentar a Mike remetia ao inconsciente do garoto quando ainda era um bebê; ele sofreu um ataque enquanto sua mãe estava no pátio da casa, acreditando que seu filho estava dormindo, contudo, um pássaro adentra o quarto e dá bicadas na criança, que começa a gritar, fazendo a mãe vir em seu socorro. Esse medo de Mike é um perfeito exemplo de medos inconscientes, que aparentemente ideia alguma se faz de sua origem, mas mesmo assim permanece presente na mente inconsciente e que gerar pavores inexplicáveis.). Contudo, o romance mantém seu foco somente em uma figura feminina e seus problemas mal resolvidos com o pai. No decorrer da obra, percebe-se que os medos de Beverly são totalmente ligados à sua visão paterna e com o lado feminino sendo descoberto.

O contato inicial de Beverly com a Coisa ocorre quando ela está no banheiro de casa e ouve uma voz chamar seu nome. Ela percebe que o som vem do ralo da pia, momento que mais vozes começam a pedir que ela venha flutuar também. Ela reconhece uma das vozes como a de uma menina que está desaparecida. Já apavorada com as vozes, uma bolha de sangue infla do ralo, explodindo de repente. Os nomes das crianças que estão desaparecidas começam a ser pronunciadas, clamando para que Beverly se junte a eles para flutuarem, e mais um jorro de sangue sai do ralo manchando todo o papel de parede. Dentre todos os sete membros do Clube dos Perdedores, a menina é a que sofre o ataque simbólico com sangue.

A idade média do grupo está na faixa dos 11 a 13 anos, idade da puberdade e da menarca feminina. Beverly começa a sentir atração por Bill, e uma cena que presencia de Henry e seus amigos com as calças arriadas, vê os órgãos sexuais deles e imagina como deve ser o de Bill. King acentua que Beverly é a única do grupo que possui anseios na imaginação relacionados à sua sexualidade, também, ao perceber seu corpo tomando forma. A natureza feminina na história enfatiza-se pelos olhos de King como uma melodia natural do curso da vida.

O sangue aqui está nitidamente relacionado à menstruação, que para São Tomaz de Aquino, era um sinal da impureza feminina, sujo e causador de muitos males. Entretanto, King visualiza para o leitor a imagem da mulher poderosa que pode guiar o homem na escuridão: quando o Clube dos Perdedores enfrenta a Coisa pela primeira vez e a derrota, eles acabam perdidos nos dutos de esgoto. Momentaneamente, o laço que os unia parece ter se quebrado, deixando a todos sem saber o que fazer; é Beverly quem assume a posição de líder e fio condutor de laços entre os amigos, fornecendo seu corpo como elo entre os amigos. A cena para muitos leitores soou como imprópria na história, sendo desnecessária; de fato, se tal parte fosse retirada da história, não teria impacto sobre o terror explícito da obra. Porém, como os amigos se veriam longe da rede de esgotos? Ao mesmo tempo que une o grupo novamente, a passagem do sexo puro e inocente marca tanto o fim do primeiro ciclo de ataque da Coisa quanto a transição dos amigos para a fase adulta. A sexualidade descoberta não deixa de ser o ponto de partida que encerra a infância e abre espaço para a realidade do mundo adulto.

Apesar de possuir uma grande conotação em cima da sexualidade no primeiro contato de Beverly com uma das “brincadeiras” da Coisa, ela sofre uma perseguição do pai quando ele descobre que a filha está mantendo contato com um grupo de meninos, o que chega a afrontar o pai quanto a pureza de sua filha, se ela se mantém intocada. Ele insiste em checar se a filha ainda é virgem, mas Beverly percebe que nas palavras do pai há influência da Coisa:

A mão dele desceu, não batendo desta vez, mas agarrando. Afundou no ombro dela com força furiosa. Ela gritou. Ele a puxou para cima e, pela primeira vez, olhou diretamente nos olhos dela. Ela gritou de novo pelo que viu lá. Era... *nada*. Seu pai tinha sumido. E Beverly entendeu de repente que estava sozinha no apartamento com a Coisa, sozinha com a Coisa nessa manhã tranquila de agosto. Não havia a sensação densa de poder e maldade pura que ela sentiu na casa da rua Neibolt uma semana e meia antes, pois a Coisa tinha sido diluída de alguma maneira pela humanidade essencial do pai, mas a Coisa estava ali, trabalhando através dele. (KING, 2014, p. 879)

A reação do pai pela força da Coisa a apavora e, sem pensar duas vezes, sai correndo em disparada pela rua com ele a perseguindo. Temos mais um detalhamento da perseguição que guia o leitor a mais sensações: a pressa de Beverly, o medo batendo no peito, o sufoco ao

manter a respiração, mais aperto quando ela consegue se esconder, o pedido inconsciente do leitor para que o pai não a encontre. As emoções conseguem transpirar do leitor mesmo que com um ritmo de leitura não seja percebido de imediato, mas quando a reflexão se faz presente, os sentidos são recordados e há a percepção de que o autor foi eficiente em suas descrições.

Beverly vem a se casar com um homem que é figura do pai. Ele assegura a ela uma comodidade, porém ele abusa fisicamente dela, aplicando sequencias de agressões. Embora a situação seja repugnante a ela, após os atos violentos eles transam, o que na mente perturbada dela são formas dele pedir perdão por ter agido de maneira agressiva. Pela voz do pensamento dele, sabe-se que a transa após as agressões são formas de manter o domínio sobre ela, e se ela se manter alinhada, mais momentos de prazer eles terão, e ele não mais precisará usar de sua força para demonstrar poder sobre ela.

As duas relações que ela mantém por mais tempo são relativas à carência de ter uma pessoa que fosse suficientemente afetuosa com ela, a busca de manter um amor sem necessitar esconder sua identidade: “Ela sentiu seu amor por ele. *Eu nunca bato em você quando você não merece.* (...) E isso devia ser verdade, porque ele *era* capaz de amar”. (2014, p. 389). Ela almeja ser reconhecida pelo pai, pelo sexo oposto, e seu medo se personifica por essa procura. Contudo suas preocupações somem quando ela vê no Clube os amigos a aceitarem como ela realmente se materializa para eles, ao passo deles valorizarem suas qualidades e reconhecerem nela o poder que uma mulher pode perante si e à sociedade sem necessitar ser a sombra de um homem.

4.3 O autor da história

O primeiro capítulo do livro começa com a morte de George. Todo o relacionamento que ele e Bill mantem, o medo da criança com um monstro no porão, o ataque do palhaço. O último capítulo do romance traz a busca de Bill em trazer a sanidade de sua esposa Audra após ela ver a verdadeira forma da Coisa, pois sua lucidez se esvaiu.

No decorrer da obra, torna-se claro que todos do Clube dos Perdedores enxergam em Bill a figura de um líder, em que a criança tem seu potencial solidado pela postura diante dos perigos impostos pela Coisa. Assim, Bill encontra informações sobre a criatura e o que seria necessário para liquidá-la:

Glamour, disse ele, era o nome gaélico da criatura que estava assombrando Derry. [...] os índios das planícies chamavam de manitu, que as vezes tomava a forma de um leão da montanha, de um alce ou de uma águia[...]. Os himalaicos chamavam de *tallus* ou *taelus*, que significava um ser mágico do mal que conseguia ler sua mente e assumir a forma daquilo que mais provocava medo em você. Na Europa Central, ele era

chamado de *eylak*, irmão do *vurderlak*, ou vampiro. Na França era *le loup-garou*, ou mutante de forma, um conceito que foi traduzido cruamente como lobisomem, mas, Bill contou a eles, [...] podia ser qualquer coisa, qualquer uma que quisesse [...].

- E-E-Era ch-chamando de R-R-Ritual de *Chud-Chud* – disse Bill, e explicou o que era isso. Se você fosse um homem sagrado himalaio, você procurava o *taelus*. O *taelus* mostrava a língua. Você mostrava a *sua* língua. Você e ele enrolavam línguas, e os dois mordiam até o fim, de forma que ficavam meio grampeados juntos, cara a cara. [...] – Pode parecer l-l-loucura, m-mas o livro d-dizia que d-depois os dois começavam a contar p-piadas e fazer ch-charadas. (KING, 2014, p. 654)

Os amigos entram em uma discussão após os esclarecimentos de Bill de que tal ritual é estranho, sem realmente haver possibilidade de duas pessoas enrolarem a língua e falarem. Contudo, é quando eles estão no esgoto indo atrás da Coisa e que Bill entra em união psíquica com ela que o Ritual de Chud passa a fazer sentindo: a batalha é nas barreiras do inconsciente, e Bill teme não conseguir fazer o que precisa, até porque ele é gago. Adentrando as fronteiras do macro verso, Bill conhece a Tartaruga, o ser do bem superior à Coisa e, embora não possa agir diretamente sobre a Coisa, encoraja Bill em seu ritual (e pede desculpa por ter criado a Coisa: foi em um momento de indigestão).

Bill passa a acreditar em sua força que está além de sua solidão no momento, pois seus amigos estão aguardando a vitória dele. Ele passa a falar uma frase mnemônica²⁸ com outra voz, já que assim ele não gagueja em nenhum instante: “Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração”, frase que King retira do livro *O cérebro de Donovan*, de Curt Siodmak. Com a segurança na pronúncia, também sendo utilizadas como um mantra contra a Coisa, ela começa a sentir dor, algo nunca sentido antes. Ela recua, e o Clube consegue ter sua primeira vitória, apesar de não terem realmente exterminado a Coisa.

Quando Bill volta a enfrentá-la nos espaços do macro verso, ele se perde e acaba indo em direção aos postigos. A Coisa vê sua chance de matar todos do Clube, pois se o líder está quase entrando em estado de confusão mental, eles estarão mais frágeis sem alguém que os guie. Contudo, Richie adentra nos espaços também, surpreendendo a Coisa, que acreditava somente o escritor conseguir alcançá-la em seus domínios de fato. Assim, Richie consegue trazer seu amigo de volta, e juntos procuram acabar de vez com ela.

As últimas páginas, como citado, narram a vontade de Bill de recuperar a sanidade de sua esposa. E ele concretiza seus desejos, ao leva-la na bicicleta que o acompanhou nas aventuras de infância: Silver era a bicicleta que manteve Bill em um estado de liberdade apesar de seus problemas, e a força que Bill mantinha através da sensação de ser o condutor de sua vida foi o que permitiu a ele ser o líder que inspirava os amigos a não desistirem de nada,

²⁸ Frases utilizadas para memorizar facilmente receitas ou listas. No caso do romance, era a frase que o fonoaudiólogo de Bill passa a ele no treinamento contra a gagueira.

inclusive de acabarem com a Coisa. Quando ele sai com Audra na bicicleta, ela recobra a consciência e sente as mesmas emoções que Bill ao estar em cima da bicicleta: o medo do perigo de caírem, mas também a sensação de poder fazer e ser o que quiser.

A história caminha em direção da possibilidade de estar sendo contada por Bill depois de tudo o que passou. Os interlúdios que aparecem são as anotações, o diário de Mike. Ao final, todos passam a esquecer do que aconteceu novamente, mas Bill se recorda de Silver, tanto que a usa para salvar Audra do estado catatônico. Tem-se aqui características que indicam o romance como a grande obra autobiográfica do autor Bill Denbrough.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar a análise da obra *It, a Coisa*, de Stephen King, fez-se necessário percorrer a história de um dos mais fortes sentimentos do ser humano, o medo. Assim, traçou-se os caminhos da humanidade sob essa perspectiva, o que a levou a deslumbramentos não conhecidos e pouco comentados na história. Os períodos que antecedem a publicação do romance analisado embasaram algumas das características que são encontradas na narrativa, envolvendo, assim, as habilidades de percepção do leitor que se movimenta junto a cada página virada.

Jean Delumeau transcreve a história sob a evolução do medo e fornece a compreensão de fatos históricos que estavam intrinsicamente relacionados aos sentimentos de pavor e angústia vivenciados nas épocas definidas²⁹. Assim, correlaciona o sentimento de pânico com as características que vêm, em 1764, dar as primeiras palavras que ecoarão nas bases da literatura gótica. O primeiro enredo apresenta uma escrita mais romanesca, porém, fortalece as estruturas das novas histórias macabras.

Fixadas nesta estrutura, encontram-se as três imortais obras do terror. *Frankenstein* (1823), de Mary Shelley, *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson e *Drácula* (1897), de Drácula, que serviram também como base ao mestre Stephen King em sua trajetória de leitor, além de Drácula ser uma das personificações da Coisa em *It*. A definição do próprio King acerca das narrativas macabras recaem sobre a referências posteriores, já que utiliza de seus domínios para concretizar uma obra que contempla alguns medos possíveis. Ele retrata, ainda, algumas fobias psicológicas que Delumeau caracteriza em sua obra, como, por exemplo, o medo de Beverly da solidão, provocada pela dependência em uma figura paterna que a movesse enquanto permanecia viva.

Os medos que se personificam pela personagem Coisa demonstram as projeções imagéticas que eram visualizadas no cinema, na maioria das vezes, mas também de traumas particulares que as crianças levavam consigo. O uso simbólico de sangue ao expressar a feminilidade serve para enfatizar, na obra que, apesar do primeiro ciclo ocorrer na infância, elas serão adultas, passarão pela fase de amadurecimento; contudo, os medos permanecem presentes, podem estar escondidos no subconsciente, bastando uma simples memória cognitiva para ativá-los e torna-los reais novamente.

²⁹ Como por exemplo, o perfil da mulher estigmatizada pela fraqueza que exultava aos olhos do sexo oposto

A obra, com uma complexidade apaixonante, contempla dois ciclos da vida que não são negados a ninguém, carregando as angústias e pavores que assolam o imaginário infantil e perseguem na escuridão da mente os passos dos adultos, que vão bloqueando seus medos fantásticos, substituindo pela realidade circunstancial vivida. Ou seja, o ser humano nasce para morrer, e isso em si já causa um pânico mortal; embora isso o persiga e atormente, ele aprende a conviver com esse aviso cotidiano que tudo irá se desfazer um dia, mas segue seu percurso normal, sem ser afetado (em grande maioria) pelas paranoias da mente.

Stephen King consegue ativar sensações diversas em todas as obras que escreve. Todavia, em *It*, temos, a cada página, uma nova informação que vai transformando a história nas linhas da curiosidade do que está por vir. E os momentos de tensão no enredo são sentidos em cada fibra do corpo, cada respiração é dada ao compasso ritmado das palavras, que se encaixam nas emoções despertadas no leitor. Uma obra extensa em páginas, emoções e medos.

REFERÊNCIAS

- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. Tradução de David Jardim Júnior. 26ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-o-livro-de-ouro-da-mitologia-thomas-bulfinch-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em: 22 jun 2018.
- DEFILIPPO, Marsha. *Stephen King: The author*. Disponível em <https://www.stephenking.com/the_author.html>. Acesso em: 19 jun 2018.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECO, Umberto. *História da feiura*. Tradução de Eliana Aguiar. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HENDRIX, Grady. *The Great Stephen King Reread: It*. Germany, 2013. Disponível em <<https://www.tor.com/2013/09/25/the-great-stephen-king-reread-it>>. Acesso em: 19 jun 2018.
- KING, Stephen. *Dança Macabra*. Tradução de Louisa Ibañez. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- _____. *It, a coisa*. Tradução de Regiane Winarski. Tradução 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- _____. *Sobre a escrita, a arte em memórias*. Tradução de Michel Teixeira. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. 1ª. ed. Editora Luminuras, 2007.